

Herman Melville

Bartleby,
o escriturário



RURIAK INK.
OPUM CUM DIGNITATEM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



BARTLEBY, O ESCRITURÁRIO
Uma história de Wall Street

Herman Melville

(tradução: Cássia Zanon)



* * * * *

Herman Melville (1819—1891) celebrizou-se por seu romance *Moby Dick*, de 1851. Mas a narrativa de *Bartleby, o escriturário* é que resume a filosofia por trás de toda a obra do autor. A desconcertante resposta “— Prefiro não fazer...”, proferida por Bartleby todas as vezes que lhe pedem uma tarefa, perturba não apenas seu chefe, mas especialmente ao leitor.

Eleito por Jorge Luis Borges como uma das obras literárias mais importantes da humanidade, *Bartleby, o escriturário* é considerado por muitos como precursor do existencialismo do século XX.

* * * * *

BARTLEBY, O ESCRITURÁRIO

Uma história de Wall Street

- 1ª edição 1853 -



Já sou um homem de uma certa idade. A natureza da minha ocupação nos últimos trinta anos permitiu que eu tivesse um contato mais próximo com um grupo de homens que pode parecer interessante e de certa forma singular, e sobre quem, até onde é de meu conhecimento, nada jamais foi escrito: refiro-me aos escriturários ou copistas. Eu conheci muitos deles, em caráter profissional e privado, e, se assim desejasse, poderia relatar histórias diversas, que talvez provocassem sorrisos em cavalheiros de bem e fizessem chorar aqueles mais sentimentais. Mas troco as biografias de todos os outros escriturários por algumas passagens da vida de Bartleby, o escriturário mais estranho que jamais vi ou de que ouvi falar. De outros taquígrafos talvez eu consiga contar a vida toda, mas não se pode fazer nada parecido em relação a Bartleby. Não creio que haja material suficiente para uma biografia completa e satisfatória deste homem. Trata-se de uma perda irreparável para a literatura. Bartleby foi um daqueles seres sobre os quais nada é passível de confirmação, a não ser junto às fontes originais, e, no caso dele, essas são muito poucas. O que vi de Bartleby com meus próprios olhos estarecidos é tudo o que sei dele, com exceção, na verdade, de um relato vago que é reproduzido ao final.

Antes de apresentar o escriturário, do modo como ele surgiu em minha vida, é interessante que eu fale de mim, de meus *employés*, meu negócio, meu escritório e o que me cerca. Isso porque tal descrição é indispensável para uma compreensão adequada do personagem principal que está prestes a ser conhecido. Antes de tudo, sou um homem que desde a juventude tem alimentado uma

convicção profunda de que a vida mais fácil é também a melhor. Assim, embora a minha profissão seja notoriamente dinâmica e nervosa, por vezes até mesmo turbulenta, nada disso jamais chegou a prejudicar a minha paz. Sou um daqueles advogados de pouca ambição que nunca se dirige a um júri ou obtém qualquer tipo de reconhecimento público; mas que, na suave tranquilidade de um retiro sossegado, realiza um trabalho sossegado com títulos, hipotecas e escrituras de homens ricos. Todos os que me conhecem consideram-me um homem eminentemente cuidadoso. O falecido John Jacob Astor, que não se destacava propriamente por seu entusiasmo poético, não hesitava em citar como minha principal característica a prudência; em seguida, a organização. Não falo isso com vaidade, mas registro o fato de que sempre estive empregado em minha profissão por conta do falecido John Jacob Astor; um nome que, tenho de admitir, adoro pronunciar, pois tem um som arredondado e orbicular que ressoa como um sino. Acrescento de bom grado que nunca fui insensível à boa opinião do falecido John Jacob Astor.

Algum tempo antes do período no qual teve início esta historietta, minhas atividades haviam aumentado imensamente. O bom e velho cargo de conselheiro do Tribunal de Chancelaria, hoje extinto no Estado de Nova York, tinha sido a mim conferido. Não era um cargo propriamente trabalhoso, mas a remuneração era bastante satisfatória. Eu raramente me descontrolo; mais raramente ainda deixo transparecer perigosas indignações com injustiças e arbitrariedades; mas creio que posso me dar o direito de ser impulsivo e declarar que considero a repentina e violenta extinção do referido cargo pela nova Constituição um ato... prematuro; visto que

eu havia dado como certos os lucros do arrendamento vitalício, e que recebi os proventos apenas por poucos anos. Mas isso não tem qualquer importância.

Meu conjunto de salas era no segundo andar do n°... da Wall Street. De um lado, a vista era para as paredes brancas do interior de um grande poço de luz, que abarcava o prédio de alto a baixo.

Essa vista podia ser considerada mais insípida do que qualquer outra coisa e carente daquilo que os paisagistas chamam de “vida”. Mas, se isso era verdade, o que se via do outro lado do escritório consistia pelo menos num contraste. Nessa direção, as janelas abriam-se completamente para uma imensa parede de tijolos escurecida pelo tempo e pela permanente ausência de sol; não era necessária qualquer luneta para desvendar as belezas ocultas dela. Para sorte de todos os espectadores míopes, ela ficava a três metros de minhas vidraças. Devido à grande altura dos prédios ao redor e ao fato de que meu escritório ficava no segundo andar, o espaço entre essa parede e a minha assemelhava-se muito com uma imensa cisterna quadrada.

No período imediatamente anterior ao surgimento de Bartleby, eu tinha duas pessoas trabalhando comigo como copistas e um rapaz promissor como mensageiro. O primeiro chamava-se Turkey; o segundo, Nippers; e o terceiro, Ginger Nut¹. Ainda que esses pudessem ser mesmo seus nomes, dos tipos não encontrados usualmente nos cartórios, eram somente apelidos trocados entre meus três funcionários e que supostamente tinham ligação com suas personalidades e características. Turkey era um inglês baixinho e gorducho mais ou menos da minha idade, ou seja, beirando os sessenta anos. Pela manhã, pode-se dizer, seu rosto tinha um alegre

tom rosado. Entretanto, após o meio-dia — seu horário de almoço — ele queimava como uma lareira repleta de brasas; e continuava ardendo do mesmo modo, mas arrefecendo-se pouco a pouco até aproximadamente as seis da tarde, a partir de quando eu não via mais seu rosto, que, atingindo o meridiano com o sol, parecia também anoitecer com ele, para, no dia seguinte, surgir, atingir seu ápice e pôr-se, com igual regularidade e glória indefectível. Durante o curso de minha vida, tomei conhecimento de inúmeras coincidências peculiares, e entre as não menos importantes, estava o fato de que, precisamente no momento crítico em que a fisionomia vermelha e radiante de Turkey exibia seus raios mais ardentes, começava o período do dia a partir do qual eu considerava suas capacidades profissionais seriamente prejudicadas pelo restante das vinte e quatro horas. Não que ele se entregasse à indolência ou tivesse aversão ao trabalho; longe disso. A dificuldade era que ele tinha a capacidade de ser, de um modo geral, energético demais. Havia em seu jeito uma imprudência estranha, inflamada, confusa e estabanada. Ele conseguia ser descuidado até mesmo ao molhar a pena no tinteiro. Todos os seus borrões sobre meus documentos eram espalhados depois do meio-dia. Na verdade, à tarde, ele não apenas era imprudente e tristemente afeito a deixar borrões, como em alguns dias ia mais além, tornava-se também bastante barulhento. Nessas vezes, seu rosto queimava ainda mais, como se carvão vegetal houvesse sido atirado ao fogo. Ele fazia um movimento desagradável com sua cadeira; derrubava a areia de seu cinzeiro; ao aparar as penas, impacientemente as deixava aos pedaços, atirando-as no chão num rompante; levantava-se e apoiava-se sobre a mesa, esmurrando seus papéis de modo destrambelhado,

uma cena muito triste para um homem velho como ele. Entretanto, era uma pessoa de grande valor para mim em muitos aspectos e, durante todo o período anterior ao meio-dia, a mais rápida e firme das criaturas, realizando uma excelente quantidade de trabalho num estilo difícil de ser igualado. Por essas razões, eu estava disposto a fazer vistas grossas a suas excentricidades, embora, na verdade, ocasionalmente lhe chamasse a atenção. No entanto, tratava de fazê-lo de maneira bastante cuidadosa, porque, embora fosse um homem absolutamente civilizado e, além disso, afável e respeitoso pela manhã, durante a tarde ele tinha a tendência de, provocado, não ter papas na língua, tornando-se até mesmo insolente. Agora, como eu valorizava seus serviços matutinos e estava resolvido a não abrir mão deles — ainda que, ao mesmo tempo, sentisse-me desconfortável por suas maneiras inflamadas após o meio-dia — e sendo um homem de paz, negando-me a provocar respostas inadequadas da parte dele com meus avisos, resolvi, num sábado à tarde (ele era sempre pior aos sábados), dar-lhe a entender, muito gentilmente, que talvez agora que ele estava ficando mais velho fosse de bom alvitre abreviar seu trabalho; em suma, ele não precisava mais vir ao escritório depois do meio-dia, e, findo o almoço, seria melhor ir para casa descansar até a hora do chá. Mas, não; ele insistiu com sua dedicação vespertina. Seu semblante tornou-se intoleravelmente fervoroso, enquanto ele assegurava-me eloquentemente — gesticulando com uma longa régua em punho do outro lado da sala — que, se seus serviços pela manhã eram úteis, quão indispensáveis seriam, então, à tarde?

— Com o devido respeito, senhor — disse Turkey nessa ocasião —, considero-me seu braço-direito. Pela manhã, tudo o que faço é

organizar e desenvolver minhas colunas; mas, à tarde, tomo a dianteira e galantemente ataco o adversário, assim! — continuou, fazendo um violento gesto com a régua.

— Mas, e os borrões, Turkey? — intimei-o.

— É verdade... mas, com o devido respeito, senhor, atente para esses cabelos! Estou ficando velho. Certamente, senhor, um borrão ou outro numa tarde quente não podem ser imputados severamente contra cabelos grisalhos. A idade avançada, ainda que deixe borrões nas páginas, é honrosa. Com o devido respeito, senhor, ambos estamos ficando velhos.

Era difícil resistir a esse apelo à minha simpatia. De todo modo, percebi que ele não iria embora. Então, decidi-me por deixá-lo ficar, resolvendo, todavia, assegurar-me de que durante as tardes ele trabalhasse com documentos menos importantes.

Nippers, o segundo da minha lista, era um jovem de barba, pálido e com um ar de pirata, de aproximadamente vinte e cinco anos. Sempre o vi como vítima de dois poderes perversos: ambição e indigestão. A ambição revelava-se por uma certa impaciência com as funções de um simples copista, uma usurpação injustificada de assuntos estritamente profissionais, como a redação original de documentos legais. A indigestão parecia revelar-se num ocasional mau-humor nervoso e uma irritabilidade crônica, fazendo com que seus dentes ragessem de forma audível com erros cometidos durante o expediente; maledicências desnecessárias ditas entre os dentes no calor do trabalho; destacava-se, especialmente, um descontentamento crônico com a altura da mesa em que trabalhava. Apesar de toda sua engenhosidade mecânica, Nippers nunca conseguia fazer com que sua mesa ficasse de seu agrado. Ele usava

lascas de madeira como apoio, assim como blocos de diferentes tipos e pedaços de papelão. Chegou ao ponto de tentar um delicado ajuste com restos de papel mata-borrão dobrados. Mas nenhuma invenção correspondia às suas expectativas. Se, para aliviar as costas, ele deixasse a tampa da mesa num ângulo reto em direção ao seu queixo e escrevesse ali como se utilizasse o telhado escarpado de uma casa holandesa como escrivaninha... dizia que aquilo lhe prejudicava a circulação nos braços. Se depois tivesse abaixado a mesa até a cintura e escrevesse inclinado, sentia uma forte dor nas costas. Em resumo, a verdade era que Nippers não sabia o que queria. Ou, se queria alguma coisa, era se livrar completamente da mesa de escriturário. Em meio às manifestações de sua ambição doentia estava o carinho com que recebia certos sujeitos de aparência ambígua em casacos puídos, a quem ele se referia como seus clientes. Realmente, eu estava consciente de que ele não apenas era, às vezes, um politiqueiro, como ocasionalmente fazia pequenos trabalhos nas cortes de Justiça, e não era um desconhecido nas escadarias das prisões municipais. Tenho boas razões para crer, contudo, que um indivíduo que o procurou em meu escritório, e que, com grandes ares, insistiu ser seu cliente, não era mais do que um credor, e o suposto título de propriedade, uma cobrança. Mas, com todas as suas falhas e os aborrecimentos que ele me causava, Nippers, como seu compatriota Turkey, era-me um homem muito útil; fazia um trabalho rápido e de qualidade; além disso, quando queria, sabia ser bastante cortês. Acrescente-se a isso o fato de que ele estava sempre vestido de maneira cavalheiresca. Assim, incidentalmente, emprestava credibilidade ao meu escritório. Já em relação a Turkey, não era nada fácil evitar que sua aparência me incomodasse. Suas

roupas pareciam estar sempre enebadas e cheirando a comida. No verão, ele usava calças bem largas e soltas no corpo. Seus casacos eram execráveis; o chapéu, impossível de ser tocado. Mas enquanto o chapéu me era algo indiferente, haja vista que, graças à civilidade e à deferência inerentes a sua educação britânica, ele o tirava no instante em que adentrava a sala, o casaco era um outro problema. Eu cheguei a conversar com ele a respeito dos casacos; o que não surtiu efeito. A verdade era, acredito, que um homem com uma renda tão pequena não tinha condições de exibir, simultaneamente, fisionomia e casacos de qualidade. Como bem observou Nippers numa ocasião, o dinheiro de Turkey ia-se principalmente em tinta vermelha. Num dia de inverno, presenteei Turkey com um de meus casacos de aparência altamente respeitável, cinza, forrado, absolutamente confortável, com botões desde a altura dos joelhos até o pescoço. Pensei que Turkey apreciaria o favor e ficaria mais calmo durante as tardes. Mas, não. Acredito que se agasalhar de cima a baixo com um casaco tão felpudo e acolchoado surtiu nele um efeito pernicioso; isso pelo mesmo princípio que faz com que aveia em excesso seja prejudicial aos cavalos. Na verdade, tão certo como uma alergia, assim como se diz que um cavalo inquieto sente sua aveia, Turkey sentia seu casaco. Deixou-lhe insolente. Era um homem a quem a prosperidade fazia mal.

Embora eu tivesse algumas suspeitas a respeito dos hábitos desleixados de Turkey, em relação a Nippers eu estava bem convencido de que, quaisquer que fossem seus defeitos em outros aspectos, ele ao menos era um jovem abstêmio. Mas, realmente, a natureza parecia ter sido sua própria fornecedora de vinhos e, quando ele nasceu, dotou-o de uma disposição tão ácida que tornou

todas as doses subsequentes desnecessárias. Quando paro para pensar em como, em meio ao silêncio de meu escritório, Nippers às vezes se levantava impacientemente de sua cadeira e, inclinando-se sobre a mesa, abria bem os braços, agarrava a escrivantina e a sacudia no chão, num movimento raivoso e bruto, como se a mesa fosse um perverso agente voluntário que tentava contrariá-lo e afligi-lo, simplesmente percebo que a bebida era absolutamente desnecessária para ele.

Foi uma sorte para mim que, graças a sua causa peculiar — a indigestão — a irritabilidade e o conseqüente nervosismo de Nippers eram perceptíveis principalmente pela manhã, enquanto que à tarde ele era comparativamente tranquilo. Assim, como os paroxismos de Turkey surgiam apenas por volta do meio-dia, eu nunca tive de lidar com as excentricidades dos dois simultaneamente. Seus ataques se revezavam, como guardas. Quando os de Nippers começavam, os de Turkey terminavam, e vice-versa. Era um bom acordo natural, haja vista as circunstâncias.

Ginger Nut, o terceiro em minha lista, era um rapazote de aproximadamente doze anos de idade. Seu pai era um carroceiro que, antes de morrer, sonhava em ver o filho como passageiro de uma carruagem, e não como seu guia. Então, mandou-o ao meu escritório como aprendiz de direito, mensageiro e faxineiro, em troca de um dólar por semana. O menino tinha uma pequena mesa que não usava muito. Quando inspecionada, a gaveta revelava montes de cascas de diferentes tipos de nozes. De fato, para esse jovem esperto, toda a nobre ciência das leis estava contida numa casca de noz. Entre as mais importantes funções de Ginger Nut, que ele realizava com total entusiasmo, estava a de fornecedor de bolinhos de gengibre e

maçã para Turkey e Nippers. Como fazer cópias de documentos legais é um trabalho proverbialmente árido e seco, meus dois escriturários eram obrigados a frequentemente umedecerem a boca com os Spitzenbergs vendidos nos inúmeros estabelecimentos próximos da Alfândega e dos Correios. Eles também frequentemente mandavam Ginger Nut buscar aquele bolinho peculiar — pequeno, redondo, achatado e muito condimentado — que dera origem ao seu apelido. Numa manhã fria e de pouco trabalho, Turkey era capaz de devorar inúmeros desses bolinhos, como se fossem simples biscoitos — na verdade eles são vendidos em porções de seis ou oito por penny —, com o ranger de sua pena fundindo-se com o triturar das partículas crocantes em sua boca. Numa das tardes em que sua agitação atingiu um nível muito alto, Turkey usou um pedaço do bolo de gengibre que mastigava para selar uma hipoteca. Neste dia eu cheguei muito perto de demiti-lo, mas ele me desarmou ao fazer uma reverência oriental e dizer:

— Com todo respeito, senhor, foi generoso de minha parte abastecê-lo de material de papelaria de meu próprio bolso.

Porém, minhas atividades originais — de tabelião, cobrança de títulos e cópias de documentos de todos os tipos — haviam aumentado consideravelmente depois que assumi o cargo de escrivão-consultor jurídico. Havia então muito trabalho para escriturários. Eu não apenas era obrigado a exigir mais dos funcionários que já estavam comigo, como necessitava de ajuda adicional. Em resposta a um anúncio, um jovem que não se mexia surgiu, numa manhã, na entrada de meu escritório — como era verão, a porta encontrava-se aberta. Ainda hoje sou capaz de visualizá-lo — palidamente limpo, tristemente respeitável incuravelmente pobre! Era Bartleby.

Depois de algumas palavras a respeito de suas qualificações contratei-o, satisfeito por ter em minha equipe de copistas um homem de aspecto tão singularmente sossegado, que eu acreditei poder ser benéfico ao temperamento excêntrico de Turkey e ao gênio explosivo de Nippers.

Eu deveria ter informado antes que meu escritório tinha portas vaivém de vidro fosco separando a área do escritório ocupada por meus escriturários daquela ocupada por mim. Dependendo do meu humor, eu as deixava abertas ou fechadas. Optei por acomodar Bartleby num canto junto às portas mas do lado em que eu ficava, para ter por perto aquele homem tranquilo no caso de haver algum pequeno serviço a fazer. Posicionei sua mesa perto de uma pequena janela lateral naquela parte do ambiente. Era uma janela que originalmente dava para uns quintais sujos e umas pilhas de tijolos, mas que, em razão das construções subsequentes, não tinha mais qualquer tipo de vista, embora permitisse a entrada de um pouco de

luz. A parede ficava a cerca de trinta centímetros das vidraças, e a luz originava-se bem do alto, por entre dois imponentes edifícios, como se viesse de uma abertura muito pequena numa abóbada. Para que o ambiente ficasse ainda mais satisfatório, adquiri um alto biombo verde que deixava Bartleby totalmente fora de meu campo de visão, mas não distante da minha voz. Assim, de algum modo, uniram-se privacidade e convívio.

Inicialmente, Bartleby realizava uma quantidade extraordinária de trabalho. Como se há tempos estivesse faminto por algo que copiar, ele parecia devorar meus documentos. E não havia pausa para a digestão. Ele trabalhava dia e noite, copiando à luz do sol e à luz de vela. Sua dedicação deveria deixar-me bastante satisfeito, uma vez que ele era assaz laborioso. Mas ele escrevia em silêncio, de maneira mecânica e apática.

Evidentemente, é parte indispensável do trabalho de um escriturário verificar a correção de sua cópia, palavra por palavra. Quando há dois ou mais escriturários num escritório, eles se ajudam nessa revisão: enquanto um lê a cópia em voz alta, o outro confere com o original. É uma tarefa muito chata, cansativa e demorada. Posso imaginar que, para pessoas de sangue quente esse trabalho beire o intolerável. Não consigo imaginar, por exemplo, que o feroso poeta Byron teria se sentado de bom grado com Bartleby para conferir um documento legal de, digamos, quinhentas páginas escritas em letra miúda.

De vez em quando, na pressa do dia-a-dia, eu mesmo tinha o hábito de ajudar na comparação de documentos menores, chamando Turkey ou Nippers para fazê-lo comigo. Um de meus objetivos ao deixar Bartleby tão próximo de mim atrás do biombo era o de valer-

me de seus serviços nessas ocasiões triviais. Foi, creio, no terceiro dia de trabalho dele comigo, e antes de surgir qualquer necessidade de que sua própria escrita fosse examinada, que, por estar muito apressado para finalizar um pequeno serviço sob minha responsabilidade chamei Bartleby repentinamente. Apressado e com a natural expectativa de ser atendido prontamente, sentei-me com a cabeça curvada sobre o original em minha mesa e estendi a mão direita para o lado, alcançando nervosamente a cópia, de maneira que Bartleby pudesse apanhá-la assim que emergisse de seu isolamento e começasse a trabalhar sem qualquer demora.

Era nessa exata posição que eu me encontrava quando chamei-o, dizendo rapidamente o que queria que ele fizesse — mais precisamente checar um pequeno documento comigo. Imagine minha surpresa, ou melhor, minha consternação, quando, sem se mover de sua privacidade, Bartleby respondeu num tom de voz singularmente suave e firme:

— Prefiro não fazer.

Sentei-me no mais absoluto silêncio durante alguns instantes, tentando recompor meu abalado raciocínio. De imediato, ocorreu-me que eu tinha sido enganado por meus ouvidos ou que Bartleby não tinha compreendido o que eu quisera dizer. Fiz novamente o pedido no tom mais claro que consegui. Mas a resposta anterior veio com a mesma clareza:

— Prefiro não fazer.

— Prefere não fazer? — repeti, levantando-me alterado e cruzando a sala a passos largos. — O que você quer dizer com isso? Você está

maluco? Quero que você me ajude a comparar esta folha aqui, tome — empurrei o papel em sua direção.

— Prefiro não fazer — disse. Olhei para ele firmemente. Sua expressão era tranquila; seus olhos cinzentos, calmos e opacos. Nem uma nesga de preocupação o afetava. Se houvesse o menor sinal de inquietação, raiva, impaciência ou impertinência em suas maneiras; em outras palavras, se houvesse qualquer coisa ordinariamente humana a respeito dele, não havia dúvidas de que eu deveria tê-lo expulsado do escritório violentamente. Mas, naquelas circunstâncias, eu pensaria antes em jogar porta afora o meu busto de Cícero em gesso branco. Fiquei olhando para Bartleby por uns instantes, enquanto ele continuava com sua própria cópia, e voltei a sentar-me em meu lugar. Isso é muito estranho, pensei. Qual seria a melhor coisa a se fazer? Mas eu estava atrasado com meu trabalho. Optei por esquecer a questão naquele instante, reservando-a para meu tempo livre. Então, chamei Nippers da outra sala, e o documento foi rapidamente checado.

Alguns dias depois disso, Bartleby concluiu quatro longos documentos, quadruplicatas de um testemunho de uma semana de duração tomado diante de mim no Supremo Tribunal. Era preciso conferi-los. Era um processo importante, e era imperativo que houvesse grande precisão no trabalho. Com tudo pronto, chamei Turkey, Nippers e Ginger Nut da sala ao lado pensando em distribuir as cópias entre os meus quatro funcionários e ler a partir do original. Consequentemente, Turkey, Nippers e Ginger Nut sentaram-se em fila, cada um com seu documento em punho, quando chamei Bartleby para se unir a esse interessante grupo.

— Bartleby! Depressa, estou esperando. Ouvi os pés de sua cadeira arrastando-se lentamente no chão sem tapete, e ele apareceu a seguir, ficando de pé à entrada de seu eremitério.

— O que deseja? — perguntou ele, calmamente.

— As cópias, as cópias — disse eu, apressado. — Vamos examiná-las. Aqui — e alcancei-lhe a quarta cópia.

— Prefiro não fazer — disse ele, desaparecendo tranquilamente atrás do biombo.

Por alguns instantes, vi-me transformado numa estátua de sal, parado diante da fileira de funcionários sentados. Depois de me recuperar, avancei em direção ao biombo e exigi que ele me explicasse a razão para tal extraordinária conduta.

— Por que você se recusa?

— Prefiro não fazer.

Com qualquer outro homem, eu teria ficado imediatamente irado, desdenhado tudo o que viesse a ser dito e enxotado-o de maneira desrespeitosa de perto de mim. Mas havia algo em relação a Bartleby que não apenas me desarmava estranhamente, como, de um modo maravilhoso, tocava-me e desconcertava-me. Comecei a argumentar com ele.

— São suas próprias cópias as que estamos prestes a examinar. Isso vai poupar trabalho a você, porque uma única checagem vai dar por finalizados seus quatro documentos. Sempre fazemos isso. É dever de cada escriturário ajudar a conferir sua própria cópia. Não é assim? Você não vai falar? Responda!

— Prefiro não responder — replicou ele num tom suave. Tive a impressão de que, enquanto eu estivera dirigindo-lhe a palavra, ele

refletira cuidadosamente sobre cada uma de minhas declarações, compreendera completamente seus significados e não pudera contrariar a conclusão irresistível, mas, ao mesmo tempo, alguma consideração superior prevalecera, e ele acabara respondendo daquela maneira.

— Você está decidido, então, a não cumprir com minha solicitação... uma solicitação usual e de bom senso?

Rapidamente ele deu a entender que, dessa vez, meu julgamento estava perfeito. Sim: sua decisão era irreversível.

Não são raros os casos em que um homem intimidado de uma maneira irracional e sem precedentes tenha suas crenças mais básicas abaladas. Ele começa, aparentemente, a supor de modo vago que, por mais maravilhosas que possam ser, toda a justiça e toda a razão estão do outro lado. Conseqüentemente, se há quaisquer pessoas desinteressadas presentes, ele se vira para elas em busca de algum reforço para seu próprio pensamento hesitante.

— Turkey — disse eu —, o que você pensa disso? Não estou certo?

— Com todo o respeito, senhor — disse Turkey, com seu tom mais brando —, acredito que o senhor está com a razão.

— Nippers — disse eu —, o que você acha disso?

— Acho que eu deveria expulsá-lo do escritório.

(O leitor mais atento vai perceber que, por ser de manhã, a resposta de Turkey está formulada em termos educados e tranquilos, enquanto que Nippers responde de modo mal-humorado. Ou, para utilizar uma expressão anterior, os ataques de mau gênio de Nippers tinham começado e os de Turkey tinham terminado.)

— Ginger Nut — disse eu, buscando obter o máximo de votos a meu favor —, o que você pensa disso?

— Eu acho, senhor, que ele é meio maluco — respondeu Ginger com um sorrisinho no canto da boca.

— Você ouviu o que eles disseram — disse eu, virando-me em direção ao biombo. — Venha até aqui e cumpra seu dever.

Mas ele não deu qualquer resposta. Refleti por um instante em profunda perplexidade. Mas uma vez mais os negócios me

apressavam. Decidi novamente adiar a consideração deste dilema para meu tempo livre. Com algum trabalho, conseguimos examinar os documentos sem Bartleby, embora a cada uma ou duas páginas Turkey respeitosa-mente opinasse que esse tipo de procedimento era bastante fora do normal, enquanto Nippers, contorcendo-se em sua cadeira com um nervosismo dispéptico, remoía entre os dentes ceifados maledicências contra o idiota teimoso atrás do biombo. De sua parte, essa era a primeira e a última vez que ele (Nippers) fazia o trabalho de outro homem sem receber por isso.

Enquanto isso, Bartleby permanecia sentado em seu canto, indiferente a tudo que não fosse seu próprio e peculiar trabalho ali.

Alguns dias se passaram com o escriturário dedicado a outra tarefa prolongada. Sua última conduta memorável fez com que eu observasse seus modos atentamente. Notei que ele nunca saía para almoçar; na verdade, ele nunca ia a lugar algum. Também não me lembro de tomar conhecimento de sua vida fora de meu escritório. Ele era uma sentinela perpétua naquele canto. Aproximadamente às onze horas da manhã, no entanto, percebi que Ginger Nut aproximava-se da abertura no biombo de Bartleby como se houvesse sido chamado até ali por um gesto que não podia ser visto por mim, de onde eu me encontrava. O menino então saía do escritório fazendo tilintar algumas moedas e reaparecia com um punhado de bolinhos de gengibre que entregava no eremitério. Em troca, recebia dois dos bolinhos pelo trabalho.

Então ele se alimenta de bolinhos de gengibre, pensei; nunca faz uma refeição de verdade, por assim dizer; ele deve ser vegetariano, então; mas, não; ele nunca come sequer vegetais, não come nada além de bolinhos de gengibre. Meu pensamento então se perdeu,

imaginando os prováveis efeitos que se alimentar apenas de bolinhos de gengibre provocavam na constituição humana. Os bolinhos de gengibre têm esse nome porque contêm gengibre como um de seus principais ingredientes, o que lhes dá o sabor peculiar. Agora, o que era o gengibre? Uma coisa quente, picante. Bartleby era quente e picante? De maneira alguma. Então, o gengibre não tinha qualquer efeito em Bartleby. Ele provavelmente preferia que não tivesse.

Nada irrita tanto uma pessoa séria quanto uma resistência passiva. Se o indivíduo afrontado não for de um temperamento desumano, e o que resiste, perfeitamente inofensivo em sua passividade, então, nos melhores humores do primeiro, ele vai se esforçar caridosamente por interpretar com sua imaginação o que se mostra impossível de ser esclarecido por seu julgamento. Ainda assim, na maior parte do tempo eu observava Bartleby e seus modos. Pobre sujeito!, pensei eu, ele não tem a intenção de fazer mal algum; está claro que não pretende ser insolente; sua aparência evidencia suficientemente que suas excentricidades são involuntárias. Ele me é útil. Me dou bem com ele. Se eu demiti-lo, ele pode acabar com algum empregador menos generoso, sendo maltratado e, talvez, miseravelmente levado a passar fome. Sim. Aqui eu consigo obter uma deliciosa auto-aprovação sem muito custo. Poder auxiliar Bartleby, agradá-lo em sua estranha teimosia, vai me custar nada ou muito pouco, enquanto que eu reservo em minha alma o que futuramente pode vir a ser um doce consolo para minha consciência. Mas esse estado de espírito não estava invariavelmente comigo. A passividade de Bartleby às vezes me irritava. Eu me sentia estranhamente disposto a provocar uma nova oposição de sua parte para arrancar alguma fagulha de raiva dele a que eu pudesse

responder da mesma forma. Mas era o mesmo que tentar fazer fogo esfregando os nós dos dedos numa barra de sabão Windsor. Uma tarde, porém, fui dominado por um impulso diabólico e sucedeu-se a seguinte cena:

— Bartleby — disse eu —, quando todos esses documentos estiverem copiados, vou checá-los com você.

— Prefiro não fazer.

— Como assim? Você certamente não pretende insistir nessa teimosia caprichosa.

Nenhuma resposta.

Abri as portas duplas perto de mim, virei-me para Turkey e Nippers e exclamei, nervoso:

— Bartleby diz, pela segunda vez, que não vai examinar seus papéis. O que você pensa disso, Turkey?

Era uma tarde, é importante lembrar. Turkey estava sentado, queimando como uma caldeira, a careca fumegando. As mãos vagueando entre seus papéis repletos de borrões.

— O que eu penso disso? — rugiu Turkey.

— Penso que vou simplesmente entrar atrás desse biombo e deixá-lo de olho roxo!

Dizendo isso, Turkey levantou-se e ergueu os braços como um pugilista. Ele estava a caminho de cumprir sua promessa quando o detive, assustado com o efeito de incitar inadvertidamente sua combatividade depois do almoço.

— Sente-se, Turkey — eu disse —, e ouça o que Nippers tem a dizer. O que você pensa disso, Nippers? Não seria plenamente

justificável que eu dispensasse Bartleby imediatamente?

— Perdoe-me, mas isso é uma decisão que cabe apenas ao senhor. Considero sua conduta deveras incomum e realmente injusta em relação a Turkey e a mim. Mas também pode ser apenas uma excentricidade passageira.

— Ah exclamei —, então você mudou estranhamente de ideia... você agora fala nele de modo bastante gentil.

— Tudo cerveja! — gritou Turkey. — A gentileza é efeito da cerveja. Nippers e eu almoçamos juntos hoje. O senhor pode ver como eu estou gentil, senhor. Posso ir deixá-lo de olho roxo?

— Refere-se a Bartleby, suponho. Não, hoje, não, Turkey — respondi. — Por favor, abaixe os punhos.

Fechei as portas e voltei a me aproximar de Bartleby. Senti mais incentivos incitando-me a seguir meu destino. Eu ardia por ser contrariado novamente. Lembrei-me de que Bartleby nunca saía do escritório.

— Bartleby — falei—, Ginger Nut não está aqui; preciso que você vá até os Correios, está bem? — (Era uma caminhada de menos de três minutos.) — Veja se chegou algo para mim.

— Prefiro não ir.

— Você não vai?

— Prefiro não.

Cambaleei até a minha mesa e sentei-me pensando seriamente. Minha cega determinação retornara. Haveria alguma outra coisa que pudesse provocar uma nova rejeição por parte desse infeliz e

miserável indivíduo — meu funcionário? O que mais há, de perfeitamente razoável, que ele certamente se recusará a realizar?

— Bartleby!

Sem resposta.

— Bartleby! — chamei num tom mais alto.

Sem resposta.

— Bartleby! — urrei.

Como um fantasma, submetido às leis da invocação mágica, ao terceiro chamado ele apareceu à entrada de seu eremitério.

— Vá à sala ao lado e peça a Nippers para vir falar comigo.

— Prefiro não ir — disse de modo respeitoso e lento, desaparecendo calmamente.

— Muito bem, Bartleby — falei em voz baixa, num tom calmo e serenamente grave, declarando o propósito inalterável de alguma retribuição terrível muito perto de ocorrer. Naquele momento, eu, de certa maneira, pretendia algo do gênero. Mas, como se aproximava de meu horário de almoço, achei melhor vestir meu chapéu e voltar para casa, naquele dia, sofrendo de muita perplexidade e angústia.

Deveria eu admitir? A conclusão era que tudo aquilo havia em pouco tempo se tornado um fato cotidiano em meu escritório, que um jovem escriturário pálido, que atendia pelo nome de Bartleby, tinha uma mesa lá; que ele fazia cópias para mim pelo valor normal de quatro centavos por página (cem palavras); mas que ele estava permanentemente isento de conferir o trabalho feito por ele, sendo essa tarefa transferida para Turkey e Nippers, em consideração, sem dúvida, à agudeza superior dos dois; além disso, o dito Bartleby em

hipótese alguma era enviado em qualquer tipo de serviço trivial fora do escritório; e que mesmo que lhe fosse solicitado fazer algo do gênero, normalmente ficava claro que ele preferia não fazer — em outras palavras, que ele simplesmente se recusava a fazer.

Conforme os dias se passavam, fui ficando consideravelmente mais tranquilo em relação a Bartleby. Sua constância, seu comedimento, sua produtividade incessante (exceto quando ele optava por sonhar acordado atrás de seu biombo), seu absoluto silêncio e seu comportamento inalterável sob qualquer circunstância faziam dele uma aquisição valiosa. O mais importante de tudo era o seguinte: ele estava sempre lá. Era o primeiro a chegar pela manhã, permanecia durante o dia e, à noite, era o último a sair. Eu tinha uma confiança singular em sua honestidade. Acreditava que meus documentos mais preciosos estavam perfeitamente a salvo em suas mãos. Algumas vezes, no entanto, eu não podia evitar, nem mesmo pela salvação de minha alma, repentinas crises espasmódicas de raiva contra ele. Porque era extremamente difícil levar em consideração todo o tempo aquelas estranhas peculiaridades, os privilégios e as concessões sem precedentes que formavam as condições tácitas sob as quais Bartleby continuava em meu escritório. Vez ou outra, na ânsia de apressar o trabalho, eu inadvertidamente pedia a Bartleby, num tom breve e seco, que ele, digamos, colocasse o dedo no nó de um pedaço de fita vermelha com a qual eu estava amarrando alguns documentos. Evidentemente, detrás do biombo, era certo que se ouviria a resposta de sempre:

“Prefiro não fazer”. E então, como poderia uma criatura humana, com as fraquezas inerentes a nossa natureza, privar-se de exclamar amargamente diante de tamanha perversidade... tamanha irracionalidade? Entretanto, cada negativa desse tipo que eu recebia apenas tendia a diminuir a probabilidade de que eu repetisse a inadvertência.

Aqui é preciso dizer que, conforme o costume da maioria dos homens de leis que têm seus escritórios em edifícios densamente habitados, havia várias chaves para a minha porta. Uma ficava com uma mulher que vivia no sótão. Era ela quem fazia uma faxina semanal e diariamente varria e tirava o pó de minhas salas. Outra chave ficava com Turkey, por uma questão de conveniência. A terceira eu algumas vezes carregava em meu próprio bolso. A quarta eu não sabia quem possuía.

Então, numa manhã de domingo calhei de ir à igreja da Trindade para ouvir um célebre pregador. Como cheguei muito cedo ao local, pensei em ir até o meu escritório. Por sorte, tinha a chave comigo; mas, ao colocá-la na fechadura, notei que do outro lado algo impedia sua entrada. Bastante surpreso, chamei em voz alta; foi quando, para minha consternação, uma chave virou lá dentro; e, avançando seu rosto magro em minha direção e segurando a porta entreaberta, surgiu a imagem de Bartleby, em mangas de camisa e estranhamente desanimado, dizendo em voz baixa que sentia muito, mas que estava profundamente ocupado naquele momento e que preferia não permitir a minha entrada. Em mais uma ou duas palavras, ele ainda acrescentou que talvez fosse melhor que eu desse duas ou três voltas no quarteirão, depois do que ele provavelmente teria concluído o que estava fazendo.

Agora, a aparência totalmente inesperada de Bartleby, assombrando meu escritório numa manhã de domingo com seu cortês desleixo cadavérico, ainda que firme e calmo, teve um efeito tão estranho sobre mim, que eu imediatamente afastei-me de minha própria porta e fiz como ele desejava. Mas não sem uma forte revolta impotente contra a educada arrogância desse escriturário

incompreensível. Na verdade, foi principalmente sua incrível delicadeza que não apenas me desarmou como, aparentemente, castrou-me. Porque eu considero castrado um homem que permite tranquilamente que seu funcionário lhe dê ordens e diga-lhe para retirar-se de seu próprio imóvel. Além do mais, fui invadido por um enorme desconforto ao pensar no que Bartleby poderia estar fazendo em meu escritório em mangas de camisa e também em total desalinho numa manhã de domingo. Estaria acontecendo algo errado? Negativo, isso estava fora de questão. Não se podia pensar por um segundo sequer que Bartleby fosse uma pessoa imoral. Mas o que poderia ele estar fazendo ali? Copiando? Negativo novamente: quaisquer que pudessem ser suas excentricidades, Bartleby era eminentemente uma pessoa do maior decoro. Ele seria o último homem a sentar-se a sua mesa em qualquer estado minimamente próximo da nudez. Além disso, era domingo, e havia algo em Bartleby que impedia a suposição de que ele violaria as propriedades do dia com qualquer ocupação profana.

Entretanto, eu não tinha conseguido me tranquilizar e, cheio de uma curiosidade incansável, ao menos retomei até a porta. Rapidamente, enfiei minha chave, abri a fechadura e entrei no escritório. Bartleby não estava à vista. Olhei ansiosamente ao redor, espiei atrás de seu biombo, mas era claro que ele não estava mais ali. Examinando o local mais cuidadosamente, supus que, por um período de tempo indefinido, Bartleby provavelmente comera, vestira-se e dormira em meu escritório, e tudo isso sem prato, espelho ou cama. O assento estofado de um velho sofá desconjuntado num canto dava a leve impressão de que um corpo magro havia se deitado ali. Enrolado embaixo de sua mesa, encontrei um cobertor;

sobre a grelha da lareira vazia, uma lata de graxa e uma escova; numa cadeira, uma bacia, com sabão e uma toalha áspera; num jornal, migalhas de bolo de gengibre e um pedaço de queijo. Sim, pensei, é bastante evidente que Bartleby vinha fazendo dali o seu lar, seu quarto celibatário. Então, um pensamento tomou imediatamente o meu pensamento: que miseráveis falta de amigos e solidão se revelaram naquele instante! Sua pobreza é imensa; mas sua solidão, que terrível! Pense nisso. Num domingo, Wall Street é tão deserto como Petra², e todas as noites de todos os dias são um imenso vazio. E até este prédio, que nos dias de semana reverbera vida e produtividade, à noite ecoa de tão absolutamente vazio e fica abandonado durante todo o dia de domingo. E é daqui que Bartleby faz seu lar; único espectador de uma solidão que ele já viu populosa

— Uma espécie de Mário³ inocente e transformado, meditando sobre as ruínas de Cartago!

Pela primeira vez em minha vida, fui tomado por um sentimento de opressiva e doída melancolia. Antes, eu jamais havia sentido qualquer coisa além de uma tristeza meio desagradável. O laço comum da humanidade fez com que eu fosse atingido por um irresistível desalento. Uma melancolia fraternal! Pois tanto eu quanto Bartleby éramos filhos de Adão. Lembrei-me das sedas cintilantes e dos rostos luminosos que eu havia visto naquele dia, em roupas de gala, deslizando como cisnes pelo Mississippi da Broadway; comparei-os com o pálido escriturário e pensei comigo mesmo: ah, a felicidade corteja a luz, então acreditamos que o mundo é alegre; o sofrimento esconde-se a distância, então supomos que não haja sofrimento. Esses tristes pensamentos — quimeras, sem dúvida, de uma mente doente e tola — levaram a outras reflexões

especiais, essas a respeito das excentricidades de Bartleby. Pairavam sobre mim pressentimentos de estranhas descobertas. A silhueta pálida do escrivário surgia estendida, entre estranhos que não se importavam com ele, envolvida em um sudário gelado. Repentinamente, senti-me atraído até a escrivaninha fechada de Bartleby, com a chave em evidência, à esquerda da fechadura.

Não era a minha intenção prejudicá-lo, nem buscar saciar uma curiosidade desalmada, pensei; além disso, a escrivaninha é minha, assim como o que ela contém. Logo, posso atrever-me a revistá-la. Tudo estava arrumado metodicamente, com os papéis guardados à mão. Os escaninhos eram fundos e, ao remover os arquivos de documentos, tateei em todos os compartimentos. Então senti algo ali e tirei-o para fora. Era um velho lenço colorido, pesado e amarrado em forma de trouxinha. Abri-o, e vi que eram suas economias.

Então lembrei todos os mistérios silenciosos que eu havia notado no homem. Recordei que ele apenas falava para dar respostas: que embora nos intervalos ele tivesse um bom tempo para si mesmo, eu nunca o vira lendo — não, nem sequer um jornal; que ele ficava longos períodos de pé, olhando para fora de sua pálida janela atrás do biombo, com vista para a parede de tijolos sem vida; eu tinha certeza de que ele jamais ia a qualquer refeitório ou restaurante, enquanto que seu rosto pálido indicava claramente que ele nunca bebia cerveja como Turkey, ou mesmo chá ou café, como outros homens; que ele nunca ia a qualquer lugar em especial que eu soubesse, jamais saía para uma caminhada, exceto, é verdade, no caso em questão; que declinara dizer quem era ou de onde vinha, ou mesmo se tinha algum parente no mundo; que apesar de ser tão magro e pálido, nunca reclamava de doença. E acima de tudo,

lembrei-me de uma certa expressão inconsciente de — como definir? — combatida altivez, pode-se dizer, ou uma certa reserva austera de sua parte que me influenciara positivamente quanto a aceitar suas excentricidades, quando temi pedir-lhe para fazer a menor das tarefas para mim, ainda que por sua longa e contínua imobilidade atrás do biombo eu pudesse dizer que ele devia estar parado de pé numa daquelas suas sessões de contemplação da parede sem vida.

Ao lembrar todas essas coisas e compará-las com o fato recém-descoberto de que ele fizera de meu escritório sua residência fixa e lar, e sem esquecer de seus caprichos mórbidos; ao lembrar isso tudo, um sentimento de prudência começou a tomar conta de mim. Minhas primeiras reações haviam sido de pura melancolia e sincera piedade, mas na proporção em que a situação miserável de Bartleby crescia em minha imaginação, aquela mesma melancolia transformava-se em medo, e a piedade, em repulsa. É tão verdadeiro como terrível que, até certo ponto, a ideia ou a visão do sofrimento traz à tona nossos melhores sentimentos, mas, em alguns casos especiais, isso para de ocorrer quando esse ponto é ultrapassado. Engana-se quem diz que isso se deve invariavelmente ao egoísmo inerente ao coração humano. Provém, antes, de uma certa desesperança de curar uma doença orgânica e grave. Para um ser sensível, a piedade não raramente se converte em dor. E quando se percebe finalmente que tal piedade não leva a um auxílio eficaz, o bom senso obriga a alma a livrar-se dela. O que eu vi naquela manhã convenceu-me de que o escriturário era vítima de uma doença mental inata e incurável. Eu poderia oferecer compaixão a seu corpo, mas não era seu corpo que lhe doía; era sua alma que sofria, e a sua alma eu não conseguia alcançar.

Não consegui cumprir meu objetivo de ir à igreja da Trindade naquela manhã. De algum modo, tudo o que eu havia visto me incapacitara momentaneamente de ir a uma igreja. Caminhei em direção à minha casa, pensando no que eu faria com Bartleby. Finalmente, decidi-me: faria calmamente algumas perguntas na manhã seguinte, a respeito de sua história etc., e se ele então se recusasse a respondê-las aberta e reservadamente (e eu supus que ele preferiria não respondê-las), eu lhe daria uma nota de vinte dólares além de qualquer quantia que pudesse dever a ele e diria que seus serviços não eram mais necessários; mas que se eu pudesse ajudá-lo de qualquer outra maneira, ficaria feliz em fazê-lo; especialmente se ele desejasse retornar para sua terra de origem, qualquer que fosse, eu ajudaria de bom grado com o pagamento das despesas. Além disso, se, depois de voltar para casa, ele algum dia precisasse de ajuda, uma carta de sua parte certamente receberia resposta.

Chegou a manhã seguinte.

— Bartleby — falei, chamando-o gentilmente por trás de seu biombo.

Sem resposta.

— Bartleby — falei de modo ainda mais gentil —, venha aqui. Não vou pedir-lhe que faça qualquer coisa que você prefira não fazer. Apenas desejo falar-lhe.

Com isso, ele surgiu silenciosamente diante de mim.

— Você pode dizer-me, Bartleby, onde nasceu?

— Prefiro não dizer.

— Você me contaria alguma coisa sobre a sua vida?

— Prefiro não contar.

— Mas qual objeção razoável você pode ter quanto a falar comigo? Bartleby, eu me considero seu amigo.

Não olhou para mim enquanto eu falava, mas manteve o olhar fixo no busto de Cícero, que, do modo como me encontrava sentado, estava exatamente atrás de mim, cerca de quinze centímetros acima de minha cabeça.

— Qual é a sua resposta, Bartleby? — perguntei, depois de esperar um tempo considerável por uma manifestação de sua parte, durante o qual sua fisionomia manteve-se imóvel, a não ser por um levíssimo tremor de sua boca pálida.

— No momento, prefiro não responder — falou, retirando-se em seguida para seu canto.

Admito que foi uma fraqueza de minha parte, mas seu comportamento nessa ocasião irritou-me. Ele não apenas parecia esconder um certo desdém, como sua perversidade denotou certa ingratidão de sua parte, considerando a complacência que ele vinha recebendo de mim.

Mais uma vez, sentei-me ruminando sobre o que eu deveria fazer. Mortificado que estava por seu comportamento e decidido que estivera a dispensá-lo quando entrei em meu escritório, eu, entretanto, sentia uma alteração supersticiosa nos batimentos do coração que me impedia de executar meu objetivo e fazia com que me sentisse cruel caso atrevesse-me a dizer uma única palavra dura contra o mais infeliz dos seres humanos. Por fim, puxei minha cadeira amigavelmente para trás de seu biombo, sentei-me e disse:

— Bartleby, não se preocupe, então, em contar-me sua história, mas deixe-me pedir-lhe, como um amigo, a seguir tanto quanto seja possível a rotina deste escritório. Diga que você ajudará a revisar documentos amanhã e depois; em resumo, diga que, dentro de um ou dois dias, você começará a ser um pouco razoável., diga, Bartleby.

— Presentemente, prefiro não ser um pouco razoável — foi sua suave e cadavérica resposta.

Foi quando as portas vaivém se abriram, e Nippers aproximou-se. Parecia estar sofrendo por conta de uma noite mais mal dormida do que o normal em razão de uma indigestão mais severa do que o normal. Ele entreouviu aquelas últimas palavras ditas por Bartleby.

— Prefere, é? — disse Nippers cerrando os dentes. — Eu sei o que preferiria para ele, se eu fosse o senhor — dirigiu-se a mim. — Eu sei o que eu prefiro para esta mula teimosa! O que é, senhor, diga-me, que ele prefere não fazer desta vez?

Bartleby não mexeu um músculo.

— Sr. Nippers — falei —, prefiro que o senhor se retire neste momento.

De algum modo, ultimamente eu tinha me deixado utilizar involuntariamente o verbo “preferir” em todos os tipos de ocasiões não exatamente adequadas. E tremi ao pensar que meu contato com o escriturário já havia afetado seriamente minhas faculdades mentais. E que outras e mais profundas aberrações a convivência ainda poderia produzir? Essa apreensão não deixou de ser eficaz na minha decisão por medidas sumárias.

Enquanto Nippers se afastava muito azedo e irritado, Turkey aproximava-se tranquila e respeitosamente.

— Com o devido respeito, senhor — falou —, eu ontem estava pensando sobre Bartleby e acredito que se ele preferisse tomar uma boa cerveja todos os dias, ficaria em forma mais facilmente e ajudaria com a revisão dos documentos.

— Então você também pegou o verbo — falei, levemente empolgado.

— Com o devido respeito, que verbo, senhor? — perguntou Turkey, respeitosamente amontoando-se no exíguo espaço atrás do biombo e, ao fazê-lo, forçando-me a empurrar o escriturário. — Que verbo, senhor?

— Eu prefiro ficar sozinho aqui — disse Bartleby, como se estivesse ofendido por ter sua privacidade invadida.

— É este o verbo, Turkey — falei —, é este.

— Ah, preferir? Ah, sim... um verbo esquisito. Eu pessoalmente nunca o utilizo. Mas, senhor, como eu estava dizendo, se ele preferisse...

— Turkey — interrompi —, você pode se retirar, por gentileza?

— Ah, certamente, senhor, se o senhor assim preferir.

Quando ele empurrou a porta vaivém para sair, Nippers, da sua mesa, deu uma olhada em minha direção e perguntou-me se eu preferia que um certo documento fosse copiado em papel azul ou branco. Ele sequer acentuou ironicamente o preferia. Ficou claro que simplesmente havia escapado de sua boca. Pensei comigo mesmo que eu definitivamente precisava livrar-me de um homem demente que já havia em certo grau virado as línguas e quem sabe as cabeças de meus funcionários e até mesmo a minha. Mas considerei mais prudente não fazê-lo imediatamente.

No dia seguinte, percebi que Bartleby não fizera nada além de ficar parado de pé diante de sua janela contemplando sua parede sem vida. Questionado sobre por que não estava escrevendo, respondeu que decidira não mais escrever.

— Por quê? Mas o que é isso agora? O que vem a seguir?! — exclamei — Não vai mais escrever?

— Não mais.

— E qual é a razão?

— O senhor mesmo não vê a razão? — respondeu ele com indiferença.

Encarei-o fixamente e percebi que seus olhos pareciam sombrios e vidrados. Ocorreu-me imediatamente que sua aplicação sem precedentes de copiar ao lado de sua janela pouco iluminada nas suas primeiras semanas comigo poderia ter prejudicado sua visão temporariamente.

Isso me deixou comovido. Dei-lhe minhas condolências. Disse-lhe que evidentemente ele fizera bem de se abster de escrever durante um tempo e encorajei-o a aproveitar aquela oportunidade para exercitar-se saudavelmente ao ar livre. Isso, no entanto, ele não fez. Alguns dias após o ocorrido, na ausência de meus outros funcionários e estando muito apressado para despachar algumas cartas pelo correio, pensei que, por não ter nada mais a fazer, Bartleby certamente seria menos inflexível do que o normal e levaria aquelas cartas ao correio. Mas ele simplesmente negou-se a fazê-lo. Então, inconvenientemente, fui eu mesmo postá-las.

Passaram-se dias. Eu não era capaz de dizer se os olhos de Bartleby haviam melhorado ou não. Eu achava que sim,

aparentemente. Mas quando lhe perguntei, ele não concedeu qualquer resposta. De qualquer modo, ele não fazia mais cópias. Finalmente, em resposta a meus pedidos, informou-me de que desistira permanentemente de fazer cópias.

— O quê?! — exclamei. — Mesmo que seus olhos recuperem-se inteiramente, fiquem melhores do que nunca, você não vai mais fazer cópias?

— Desisti de fazer cópias — respondeu, retirando-se.

Ele permaneceu como sempre, feito um ornamento em meu escritório. Não, ele tornou-se ainda mais um ornamento do que antes — como se isso fosse possível. O que poderia ser feito? Ele não fazia nada no escritório: por que deveria permanecer lá? O fato é que ele havia, então, se tornado um peso morto para mim, não apenas tão inútil como um colar, mas também difícil de manter. Ainda assim, eu sentia por ele. Falo menos do que a verdade quando digo que seu modo de ser provocava-me desconforto. Se ele ao menos tivesse citado o nome de um amigo ou parente, eu lhes teria escrito e pedido que levassem o pobre rapaz para algum retiro conveniente. Mas ele parecia sozinho, absolutamente sozinho no universo. Um naufrago no meio do Atlântico. Por fim, necessidades ligadas ao meu negócio tiranizaram sobre quaisquer outras considerações. Do modo mais delicado que consegui, disse a Bartleby que num prazo de seis dias ele deveria deixar o escritório incondicionalmente. Avisei-lhe que deveria providenciar, nesse intervalo, uma nova morada. Ofereci-me para ajudar-lhe nessa empreitada, se ele desse o primeiro passo em direção à mudança.

— E quando você finalmente estiver fora daqui, Bartleby — acrescentei —, cuidarei para que você não fique totalmente desamparado. Lembre-se, seis dias a contar de hoje.

Ao final do prazo determinado, espiei atrás do biombo e, que surpresa!, Bartleby estava lá.

Abotoei o casaco e empertiguei-me; caminhei lentamente em sua direção, toquei-lhe no ombro e disse:

— Chegou a hora. Você precisa deixar este escritório. Sinto muito por você. Aqui está algum dinheiro, mas você deve ir embora.

— Prefiro não ir — respondeu, ainda virado de costas para mim.

— Você deve ir.

Ele permaneceu em silêncio.

Eu tinha, então, uma confiança ilimitada na simples honestidade deste homem. Ele frequentemente devolvia-me centavos e xelins que eu costumava deixar cair no chão, uma vez que sou bastante descuidado ao abotoar minhas camisas. A medida que se seguiu não poderá, então, ser considerada como extraordinária.

— Bartleby — disse eu —, devo-lhe doze dólares por conta de seus serviços. Aqui estão trinta e dois; os vinte excedentes são seus. Você os aceitará? — estendi as notas em sua direção.

Mas ele não se mexeu.

— Vou deixá-los aqui, então — disse, colocando as notas debaixo de um peso de papel sobre a mesa. Apanhei o meu chapéu e a minha bengala e, caminhando para a porta, virei-me tranquilamente e acrescentei: — Depois de retirar as suas coisas do escritório, Bartleby, você evidentemente trancará a porta, já que todo mundo já foi para casa, com exceção de você. E, por favor, deixe a sua chave debaixo do capacho, para que eu possa pegá-la pela manhã. Provavelmente não o verei de novo, então, adeus. Se no futuro, em sua nova morada, eu puder lhe ser útil de alguma maneira, não deixe de me avisar por carta. Adeus, Bartleby, vá em paz.

Mas ele não disse uma palavra em resposta; como a última coluna de um templo em ruínas, ele permaneceu de pé, mudo e solitário, no meio da sala deserta.

Enquanto eu caminhava pensativo de volta para casa, minha vaidade sobrepujou minha piedade. Eu não podia deixar de me orgulhar do modo magistral como conseguira livrar-me de Bartleby. Digo magistral, e é assim que deve parecer-se para qualquer pensador imparcial. A beleza do meu procedimento parecia estar em sua perfeita tranquilidade. Não houve ameaças vulgares, bravatas de qualquer espécie, intimidações coléricas, vaivéns pelas salas ou gritos e empurrões exigindo que Bartleby pegasse sua tralha e fosse embora. Nada do gênero. Sem levantar a voz ordenando que Bartleby partisse — como poderia fazer alguém menos talentoso —, concluí que ele deveria partir e, partindo desse princípio, elaborei tudo o que precisava ser dito. Quanto mais eu pensava no meu procedimento, mais ficava encantado com ele. Entretanto, na manhã seguinte, ao despertar, tinha minhas dúvidas. De algum modo, o sono havia dissipado a vaidade. Um dos momentos mais frescos e sábios na vida de um homem é logo depois que ele acorda pela manhã. Meu procedimento parecia-me mais perspicaz do que nunca — mas apenas na teoria. Como resultaria na prática... aí é que estava o problema. Era um pensamento verdadeiramente bonito, concluir pela partida de Bartleby; mas, afinal, aquela conclusão era apenas minha, e não de Bartleby. O ponto principal não era que eu tinha de concluir que ele devia deixar-me, mas se ele preferiria fazê-lo. Ele era mais um homem de preferências do que de conclusões.

Depois do desjejum, caminhei até o centro da cidade, pensando nos prós e contras. Ora eu pensava que teria sido um fracasso miserável, e que Bartleby estaria em meu escritório como sempre, ora parecia certo que eu veria sua cadeira vazia. Então segui andando

de um lado para outro. Na esquina da Broadway com a Canal Street, vi um grupo bastante empolgado discutindo com entusiasmo.

Aposto que ele não vai — disse uma voz quando passei.

— Não vai? Apostado! — falei. — Mostre o seu dinheiro.

Eu estava colocando instintivamente a mão em meu bolso para mostrar a minha parte quando me lembrei que era dia de eleição. A conversa que eu entreouvira não tinha nada a ver com Bartleby, mas com o sucesso ou insucesso de algum candidato à prefeitura. Com o estado de espírito inquieto, eu havia, aparentemente, imaginado que toda a Broadway dividia a minha expectativa e debatia comigo a mesma pergunta. Segui adiante, bastante grato pelo fato de que o barulho da rua havia ocultado minha distração momentânea.

Como pretendia, cheguei à porta de meu escritório mais cedo do que de costume. Fiquei escutando do lado de fora por um instante. Tudo estava parado. Ele não devia estar mais ali. Tentei abrir a maçaneta. A porta estava trancada. Sim, o meu procedimento havia funcionado perfeitamente; ele realmente deveria ter desaparecido. Ainda assim, uma certa melancolia confundiu-se com meu sentimento de vitória: quase lamentei meu sucesso estupendo. Estava tateando sob o capacho a procura da chave, que Bartleby deveria ter deixado ali para mim, quando, acidentalmente, meu joelho bateu contra a porta, produzindo um ruído. Em resposta, veio uma voz de dentro:

— Ainda não, estou ocupado.

Era Bartleby.

Fui fulminado. Por um instante, fiquei como o homem que, com o cachimbo na boca, foi morto numa tarde de céu claro há muito

tempo na Virgínia, atingido por um raio de verão; ele morreu em sua própria janela aberta e permaneceu encostado diante da deliciosa tarde quente até que alguém o tocou, e ele caiu.

— Ainda aqui! — murmurei afinal.

Mas, uma vez mais, obedecendo à impressionante ascendência que o impenetrável escriturário tinha sobre mim e da qual eu não conseguia escapar completamente apesar de minha irritação, desci lentamente as escadas e saí para a rua. E enquanto caminhava em volta do quarteirão, pensei no que deveria fazer a seguir quanto a essa confusão sem precedentes. Expulsá-lo literalmente empurrando-o para fora era algo que eu não poderia fazer; afastá-lo dizendo-lhe palavras obscenas não funcionaria; chamar a polícia era uma ideia desagradável; mas permitir que ele obtivesse seu triunfo cadavérico sobre mim... isso eu também não podia sequer cogitar.

O que havia a ser feito? Ou, se nada pudesse ser feito, havia algo mais a concluir a respeito daquilo? Sim, como antes eu havia concluído prospectivamente que Bartleby deveria partir, então agora eu deveria retrospectivamente decidir que ele iria embora. Na legítima execução dessa hipótese, eu deveria entrar em meu escritório muito apressado e, fingindo não ver Bartleby, andar diretamente contra ele como se ele fosse ar. Tal atitude definitivamente surtiria o efeito desejado. Era pouco provável que Bartleby pudesse resistir a tal aplicação da doutrina das decisões. Mas depois de pensar melhor, o sucesso do plano pareceu-me bastante duvidoso. Decidi discutir o assunto com ele novamente.

— Bartleby — falei, entrando no escritório com uma expressão severa, porém tranquila —, estou seriamente descontente. Estou aflito, Bartleby. Eu fazia outro juízo de você. Imaginei-o como um

cavalheiro de tal gentileza que em qualquer dilema delicado como este, uma simples sugestão seria suficiente — em resumo, uma indireta. Mas aparentemente estou enganado. Mas por que — acrescentei, sem disfarçar meu espanto — você sequer tocou no dinheiro? — aponte para as notas exatamente no lugar em que eu as havia deixado na noite anterior.

Ele não respondeu.

— Você vai ou não vai me deixar? — perguntei, agora num acesso de cólera, aproximando-me dele.

— Eu prefiro não deixá-lo — respondeu, enfatizando delicadamente a palavra não.

— Que direito você tem de ficar aqui? Você paga algum aluguel? Você paga meus impostos? Ou essa é sua propriedade?

Ele não respondeu.

— Você está pronto para voltar a escrever agora? Seus olhos se recuperaram? Você poderia copiar um pequeno documento para mim esta manhã? Ou ajudar-me a revisar algumas linhas? Ou ir até o correio? Em suma, você fará qualquer coisa que seja para justificar sua recusa em deixar este local?

Ele silenciosamente retirou-se para seu canto.

Eu agora estava num estado de ira tão grande que pensei ser prudente evitar quaisquer demonstrações de minha parte. Bartleby e eu estávamos a sós. Lembrei-me da tragédia do desafortunado Adams e do ainda mais desafortunado Colt no solitário escritório deste último; e de como o pobre Colt, sendo terrivelmente provocado por Adams e permitindo-se atingir um alto estado de nervosismo, viu-se surpreendentemente levado a cometer seu ato fatal — um ato que certamente homem algum poderia considerar mais deplorável do que seu próprio ator. Ocorreu-me muitas vezes durante minhas reflexões sobre o assunto que, se aquela discussão tivesse ocorrido em passeio público ou numa residência particular, o desfecho seria diferente. Foi a circunstância de estarem os dois a sós num escritório solitário, num andar alto de um edifício inteiramente desprovido de relações domésticas humanizadoras — um escritório sem tapetes, sem dúvida, e de aparência empoeirada e desagradável —, deve ter sido isso que ajudou a aumentar o irritável desespero do miserável Colt.

Mas quando esse velho Adão ressentido cresceu dentro de mim e tentou-me a respeito de Bartleby, eu o dominei e expulsei-o de mim. Como? Ora, simplesmente relembro a ordem divina: “Este é meu mandamento: amai-vos uns aos outros”. Sim, foi isso o que me salvou. Exceto por considerações mais altas, a caridade frequentemente opera como um princípio vastamente sábio e prudente — uma grande proteção para quem a possui. Homens já cometeram assassinatos por causa de ciúme, e raiva, e ódio, e egoísmo, e orgulho espiritual, mas nenhum homem, do qual eu jamais tenha ouvido falar, cometeu um assassinato diabólico por

causa da doce caridade. Então, o mero interesse próprio, se não há melhor razão para se evocar, deveria, especialmente com homens de temperamento forte, levar todos os seres a praticarem caridade e filantropia. De qualquer modo, na ocasião a que me refiro, esforcei-me para sufocar meus sentimentos de exasperação em relação ao escriturário interpretando sua conduta com benevolência. “Pobre rapaz, pobre rapaz!”, pensei eu, ele não é mal-intencionado. Além disso, viveu tempos difíceis, merece indulgência.

Esforcei-me também para ocupar-me imediatamente e, ao mesmo tempo, aliviar meu desânimo. Tentei acreditar que, durante a manhã, quando lhe parecesse agradável, Bartleby, de iniciativa própria, surgiria de seu canto e marcharia decididamente em direção à porta. Mas, não. Meia hora passada do meio-dia, Turkey começou a ferver, derrubou seu tinteiro e transformou-se no turbulento de sempre; Nippers foi tomado pelo silêncio e pela cortesia; Ginger Nut devorou sua maçã do almoço; e Bartleby continuou parado diante de sua janela em uma de suas mais profundas contemplações da parede sem vida. Dava para acreditar naquilo? Deveria eu tomar conhecimento daquilo? Naquela tarde, deixei o escritório sem dirigir qualquer outra palavra a ele.

Passaram-se alguns dias, durante os quais, em intervalos de folga, eu dava uma olhada em *Sobre a Vontade*, de Edwards, e *Sobre a Necessidade*, de Priestley. Naquelas circunstâncias, esses livros estimulavam os bons sentimentos. Pouco a pouco, fui me convencendo de que meus problemas com o escriturário haviam todos sido predestinados a mim desde a eternidade e que Bartleby me havia sido designado por conta de algum propósito misterioso de uma sábia Providência, algo incompreensível para um simples

mortal como eu. Sim, Bartleby, fique aí atrás de seu biombo, pensei; não vou mais persegui-lo; você é tão inofensivo e silencioso como qualquer uma dessas velhas cadeiras; em resumo, nunca me sinto à vontade como quando sei que você está aqui. Ao menos eu vejo, eu sinto; eu compreendo o propósito predestinado da minha vida. Estou satisfeito. Outros podem ter tarefas mais relevantes a cumprir, mas a minha missão neste mundo, Bartleby, é fornecer-lhe um escritório para que você fique pelo tempo que considerar adequado.

Acredito que esse estado de espírito sábio e abençoado teria permanecido comigo não fosse pelas observações não-solicitadas e nada generosas impostas a mim por meus amigos profissionais que visitavam meu escritório. Mas assim ocorre com frequência: o constante atrito de mentes de pouca luz enfraquece até mesmo as melhores resoluções dos mais generosos. Entretanto, para ser sincero, quando eu refletia sobre o assunto, não me parecia estranho que as pessoas que entravam em meu escritório ficassem impressionadas pela situação peculiar do incompreensível Bartleby e então ficassem tentadas a tecer observações sinistras a respeito dele. Algumas vezes, um advogado que tivesse negócios a tratar comigo procurava-me no escritório e encontrava lá apenas o escriturário. Então, tentava obter alguma informação precisa sobre onde eu estaria; mas, sem prestar atenção à conversa despropositada, Bartleby permanecia imóvel no meio da sala. Depois de observá-lo naquela posição durante um tempo, o advogado deixava o local, sabendo tanto quanto antes.

Algumas vezes, quando havia consultas em curso, e o ambiente estava repleto de advogados e testemunhas, com o trabalho andando a todo vapor, algum homem de lei profundamente ocupado via

Bartleby inteiramente desocupado e pedia-lhe que fosse até o seu escritório (do homem de lei) pegar alguns documentos. Feito o pedido, Bartleby tranquilamente declinava e permanecia tão ocioso como antes. Nesse momento, o advogado encarava-o perplexo e virava-se para mim. O que eu podia dizer? Por fim, fiquei sabendo que por todo o meu círculo de conhecidos profissionais corriam boatos sobre o que estava acontecendo em relação à estranha criatura que eu mantinha em meu escritório. Isso me deixou deveras preocupado. E quando fui assaltado pelo pensamento de que ele poderia ter uma vida muito longa e continuar ocupando minhas salas, e negando minha autoridade, e constrangendo meus visitantes, e escandalizando minha reputação profissional, e trazendo um ar sombrio ao local, mantendo corpo e alma juntos até o final com suas economias (porque sem dúvida ele não gastava mais do que cinco centavos por dia), e no final talvez viver mais do que eu e reivindicar a posse de meu escritório por direito de ocupação perpétua; conforme essas previsões obscuras tomavam mais e mais conta do meu pensamento, com meus amigos fazendo continuamente suas cruéis observações sobre a aparição em meu escritório, forjou-se em mim uma grande mudança. Decidi reunir todas as minhas faculdades e livrar-me para sempre daquele pesadelo intolerável.

Entretanto, antes de pensar em qualquer projeto complicado adaptado para esse fim, simplesmente sugeri a Bartleby a conveniência de sua partida definitiva. Num tom calmo e sério, recomendei que ele considerasse a ideia cuidadosamente e com maturidade. Mas depois de ter três dias para pensar no assunto, ele informou-me que sua determinação original permanecia a mesma. Em resumo, que ele ainda preferia continuar comigo.

O que farei? Perguntei a mim mesmo, abotoando meu casaco até o colarinho. O que farei? O que devo fazer? O que a consciência diz que devo fazer com esse homem, ou melhor, com esse fantasma? É imperativo que me livre dele, ele precisa ir. Mas, como? Você não pode enxotá-lo, o pobre, pálido, passivo mortal — você não enxotará uma criatura tão indefesa porta afora? Você não vai manchar sua honra com tamanha crueldade? Não, não vou, eu não posso fazer isso. É preferível deixá-lo viver e morrer aqui, e então sepultar seus restos na parede. O que você fará, então? Ele não vai ser mover nem mesmo com toda a sua argumentação. Subornos, ele os deixa debaixo de seu próprio peso de papel sobre a sua mesa. Em resumo, está bastante claro que ele prefere unir-se a você.

Então é preciso tomar uma atitude severa e eficaz. O quê? Você certamente não fará com que ele seja levado pelo colarinho por um policial e tenha sua palidez inocente condenada à prisão? E com que argumentos você poderia conseguir que isso fosse feito? Um vadio, seria ele? O quê? ele, um vadio, um errante, que se recusa a sair do lugar? É porque ele se nega a ser um errante, então, que você tenta enquadrá-lo como tal? Isso é muito absurdo. Falta de meios visíveis de subsistência: isso sim. Errado novamente: porque indubitavelmente ele sustenta a si mesmo, e essa é a única prova irrefutável que um homem pode apresentar a seu favor. Nada mais, então. Já que ele não vai me deixar, eu devo deixá-lo. Trocarei de escritório. Vou mudar-me para outro lugar e avisá-lo de que, se vier a encontrá-lo em minha nova sala, ele será tratado como um invasor qualquer.

Agindo como o planejado, no dia seguinte enviei-lhe esta mensagem: “Considero este escritório distante demais da prefeitura; o ar não é saudável. Em poucas palavras, proponho mudar meu escritório na próxima semana e não mais necessitarei de seus serviços. Digo-lhe isto agora para que possa procurar um novo local”.

Ele não respondeu, e nada mais foi dito. No dia indicado, contratei carros e homens e segui para meu escritório. Como havia poucos móveis, tudo foi retirado das salas em poucas horas. Durante todo o tempo, o escriturário permaneceu de pé atrás do biombo, o qual dei ordens para que fosse retirado por último. Foi removido e, ao ser dobrado como um imenso fólio, deixou-o como o ocupante imóvel de um ambiente vazio. Fiquei de pé na entrada observando-o por um instante, enquanto algo dentro de mim censurava-me.

Entrei novamente, com a mão no bolso e... e... o coração na boca.

— Adeus, Bartleby, estou indo... adeus, e que Deus o abençoe de alguma maneira. E tome isso — disse, colocando algum dinheiro em sua mão. Mas as notas caíram no chão, e, então, é estranho dizer, afastei-me daquele de quem eu tanto quisera livrar-me.

Estabelecido em meu novo escritório, por um ou dois dias mantive a porta trancada, e cada ruído de passos no corredor deixava-me sobressaltado. Quando voltava lá depois de qualquer curto período de ausência, parava por um momento na soleira da porta e escutava atentamente antes de enfiar a chave na fechadura. Mas esses medos eram desnecessários. Bartleby nunca se aproximou de mim.

Pensei que tudo estava indo bem, quando fui visitado por um estranho de aparência perturbada perguntando-me se eu era a pessoa que até recentemente ocupava salas no n.º... da Wall Street.

Cheio de pressentimentos, respondi que sim.

— Então, senhor — disse o estranho, que se apresentou como advogado —, o senhor é responsável pelo homem que lá deixou. Ele se recusa a fazer qualquer cópia; recusa-se a fazer qualquer coisa; diz que prefere não fazer e recusa-se a deixar o local.

— Sinto muitíssimo, senhor — falei, fingindo tranquilidade, porém tremendo por dentro —, mas, realmente, o homem a quem o senhor faz alusão não é nada meu... não tem comigo qualquer relação nem é meu aprendiz, para que o senhor considere-me responsável por ele.

— Por piedade, quem é ele?

— Eu certamente não tenho como informa-lo. Nada sei sobre ele. Já o contratei como copista, mas há um bom tempo que ele não faz nada para mim.

— Então cuidarei dele. Bom-dia, senhor.

Passaram-se muitos dias, e não ouvi mais notícias; embora eu sentisse frequentemente um impulso caridoso de ir até o local e ver o pobre Bartleby, uma certa relutância, não sei por que, impedia-me de fazê-lo.

Está tudo acabado, a essa altura, pensei, finalmente, após mais uma semana sem receber qualquer notícia. Mas, ao chegar a minha sala no dia seguinte, encontrei várias pessoas esperando diante de minha porta num estado de alta excitação nervosa.

— Aquele é o homem, lá vem ele — gritou um deles primeiro, a quem eu reconheci como o advogado que me havia visitado sozinho anteriormente.

— O senhor deve tirá-lo de lá imediatamente, senhor — gritou um homem corpulento entre eles, avançando em minha direção, o qual eu sabia ser o senhorio do nº... da Wall Street. — Estes senhores, meus inquilinos, não suportam mais a situação. O senhor B... — disse, apontando para o advogado — já o expulsou de sua sala, e agora ele insiste em assombrar todo o edifício, sentado nos corrimões das escadas durante o dia e dormindo na entrada à noite. Todos estão preocupados. Clientes estão abandonando os escritórios. Tememos inclusive que haja grandes confusões. O senhor deve fazer algo, e sem demora.

Recuei horrorizado com a torrente de reclamações e teria de bom grado trancado a porta atrás de mim em meu novo escritório. Em vão, insisti que Bartleby não era nada meu — não mais do que de qualquer outra pessoa. Em vão: que se soubesse, eu era a última pessoa a ter qualquer coisa a ver com ele, e eles me consideravam o responsável. Temeroso de ver-me exposto nos jornais (como um dos presentes ameaçou assustadoramente), pensei no assunto e disse, afinal, que, se o advogado me concedesse uma entrevista confidencial com o escriturário em seu próprio (do advogado) escritório, eu faria de tudo naquela tarde para livrá-los do aborrecimento de que reclamavam.

Subindo as escadas até meu antigo escritório, encontrei Bartleby sentado em silêncio no corrimão do patamar.

— O que você está fazendo aqui, Bartleby? — perguntei.

— Estou sentado no corrimão — respondeu calmamente.

Levei-o até a sala do advogado, que nos deixou a sós.

— Bartleby — falei —, você está ciente de que me provoca grande tormento ao insistir em ocupar a entrada do edifício depois de ter sido despedido do escritório?

Sem resposta.

— Agora, uma das duas coisas precisa ocorrer: ou você faz alguma coisa, ou algo será feito a você. Então, a que tipo de trabalho você gostaria de se dedicar? Você gostaria de voltar a fazer cópias para alguém?

— Não. Eu prefiro não fazer qualquer mudança.

— Você gostaria de um emprego num armazém?

— Fica-se muito isolado num trabalho desses. Não, eu não gostaria de um emprego desse tipo. Mas não sou exigente.

— Fica-se muito isolado! — gritei. — Mas você mantém-se isolado o tempo todo.

— Prefiro não trabalhar num armazém — respondeu, como se para deixar aquele detalhe resolvido de uma vez.

— Que tal tomar conta de um bar? Não há necessidade de forçar a vista num trabalho desses.

— Eu não gostaria nem um pouco disso. Embora, como falei antes, eu não seja exigente.

Sua rara eloquência inspirou-me. Voltei à carga.

— Então você gostaria de viajar pelo país cobrando contas para os comerciantes? Isso faria bem à sua saúde.

— Não, eu preferiria fazer outra coisa.

— E o que lhe parece ir para a Europa como acompanhante, para entreter jovens cavalheiros com a sua conversa? Agrada-lhe a ideia?

— De modo algum. Isso me parece muito indefinido. Gosto de ser sedentário. Mas não sou exigente.

— Então você será sedentário! — gritei, perdendo completamente a paciência e, pela primeira vez em toda minha irritante ligação com ele, tendo um acesso de fúria. — Se você não deixar este local antes do anoitecer, vou me sentir realmente tentado a... a... a... deixar o local eu mesmo! — concluí, de modo bastante absurdo, sem saber que tipo de ameaça fazer para tentar transformar sua imobilidade em obediência.

Sem esperanças em quaisquer novas tentativas, decidi precipitadamente deixá-lo, quando me ocorreu uma última ideia, que eu já havia considerado anteriormente.

— Bartleby — falei, no tom mais gentil que consegui arranjar levando em conta as circunstâncias enervantes —, você vai embora para casa comigo agora. Não para o meu escritório, mas para minha casa, e permanecerá lá até que possamos decidir sobre uma solução conveniente para o seu caso com calma, sim? Venha, vamos começar a debater o assunto agora, imediatamente.

— Não. Presentemente prefiro não fazer qualquer mudança.

Nada respondi, mas consegui driblar a todos com eficácia graças à rapidez de minha fuga, saí correndo do edifício, corri pela Wall Street em direção à Broadway e, ao pular no primeiro ônibus, logo estava fora de alcance. Assim que consegui acalmar-me, percebi claramente que agora havia feito tudo o que estava em minhas mãos, tanto em relação aos pedidos do senhorio e seus inquilinos quanto ao meu

próprio desejo e a meu senso de dever, para ajudar Bartleby e protegê-lo de toda perseguição. Agora esforçava-me para ficar inteiramente despreocupado e tranquilo, e minha consciência aprovava meu esforço, embora eu não houvesse sido realmente tão bem-sucedido em minha tentativa como poderia desejar. Eu estava tão temeroso de ser novamente perseguido pelo senhorio irado e seus inquilinos exasperados que, deixando meus negócios nas mãos de Nippers durante alguns dias, percorri a parte alta da cidade e os subúrbios, em meu cabriolé; cruzei até Jersey City e Hoboken e fiz visitas rápidas a Manhattanville e Astoria. Na verdade, praticamente vivi em meu cabriolé durante esse período.

Quando retornei ao meu escritório, que surpresa! Sobre a mesa estava um bilhete do senhorio. Abri-o com as mãos trêmulas. A nota informava que o autor havia chamado a polícia e mandado Bartleby para a Prisão Municipal como vadio. Além disso, como eu sabia mais sobre ele do que qualquer outra pessoa, gostaria que eu fosse até o local e fizesse um relato adequado dos fatos. Essas notícias provocaram um efeito conflitante em mim. Inicialmente, indignei-me. Mas, afinal, quase aprovei o que havia sido feito. A disposição enérgica e sumária do senhorio levava-o a adotar um procedimento pelo qual não sei se eu mesmo teria optado. Ainda assim, em última instância, dadas as circunstâncias peculiares, parecia ser o único plano cabível.

Como fiquei sabendo mais tarde, o pobre escriturário, quando soube que seria levado à Prisão Municipal, não ofereceu a menor resistência, mas aquiesceu silenciosamente em seu modo pálido e imóvel.

Alguns dos espectadores misericordiosos e curiosos uniram-se ao grupo. Liderada por um dos policiais, de braços dados com Bartleby, a procissão silenciosa seguiu seu caminho através de todo barulho, calor e alegria das ruas vibrantes da tarde.

No mesmo dia em que recebi o bilhete fui até a Prisão Municipal. Procurei pelo oficial responsável, disse qual era o objetivo de minha visita, e fui informado de que o indivíduo por mim descrito realmente estava lá. Então assegurei ao funcionário que Bartleby era um homem absolutamente honesto e muito generoso, embora inexplicavelmente excêntrico. Contei-lhe tudo o que sabia e encerrei sugerindo a ideia de deixá-lo permanecer confinado do modo mais indulgente possível até que algo menos cruel pudesse ser feito — embora na realidade eu mal soubesse dizer o quê. Em todo caso, se nada mais pudesse ser decidido a respeito, o asilo dos pobres deveria recebê-lo. Então pedi para ter uma entrevista com ele.

Por não estar preso sob qualquer acusação grave e mostrar-se completamente tranquilo e inofensivo, Bartleby tinha permissão para andar livremente pela prisão e especialmente nos pátios fechados com grama. Foi onde o encontrei, sozinho no mais silencioso dos pátios, o rosto voltado para um grande muro, enquanto ao redor, das estreitas brechas das janelas da prisão, pensei ter visto observarem-no os olhos de assassinos e ladrões.

— Bartleby!

— Eu conheço você — disse ele, sem virar-se para olhar — e não quero lhe dizer nada.

— Não fui eu quem o trouxe para cá, Bartleby — falei, profundamente ferido por sua suspeita implícita. — E, para você, este não deve ser um lugar tão vil. Ficar aqui não é vergonhoso para você. Veja, não é um lugar tão triste como se pode imaginar. Olhe, ali está o céu, e aqui, o gramado.

— Eu sei onde estou — ele respondeu. Mas nada mais disse, então o deixei.

Quando voltei ao corredor, um homem gordo e forte, de avental, veio até mim e, apontando com o dedão sobre o ombro, perguntou-me:

— Ele é seu amigo?

— Sim.

— Ele quer morrer de fome? Se quiser, deixe-o viver com a comida da prisão, é o que basta.

— Quem é o senhor? — perguntei, sem saber o que pensar de alguém que falava de modo tão pouco oficial num lugar daqueles.

— Sou o homem-da-bóia. Alguns cavalheiros que têm amigos aqui me contratam para fornecer-lhes algo melhor para comer.

— Isso é verdade? — questionei, virando-me para o carcereiro.

Ele disse que era.

— Então — falei, colocando algumas pratas na mão do homem-da-bóia (porque era assim que o chamavam) —, quero que você dê uma atenção especial ao meu amigo. Dê-lhe a melhor comida que conseguir. E seja muito educado com ele.

— O senhor pode me apresentar a ele? — perguntou o homem-da-bóia, olhando para mim com uma expressão que parecia dizer que ele estava impaciente por uma oportunidade de me dar uma demonstração de sua civilidade.

Pensando que seria bom para o escriturário, aquiesci. Perguntei o nome do homem-da-bóia e fui com ele até onde estava Bartleby.

— Bartleby, este é o Sr. Cutlets⁴; ele vai lhe ser muito útil.

— Seu criado, senhor, seu criado — disse o homem-da-bóia, fazendo uma profunda reverência com o seu avental. — Espero que o senhor considere o local agradável, senhor. Ambientes espaçosos, apartamentos frescos, senhor. Espero que o senhor permaneça conosco durante um tempo. Tente tornar sua estada agradável. Eu e a sra. Cutlets podemos ter o prazer de sua companhia para o jantar, senhor, na sala particular da sra. Cutlets?

— Prefiro não jantar hoje — disse Bartleby, virando-se —, não me cairia bem. Não estou habituado a jantares — assim dizendo, caminhou lentamente para o lado oposto do pátio fechado e ficou parado encarando o muro.

— Como assim? — perguntou o homem-da-bóia, dirigindo-se a mim com um olhar de espanto. — Ele é estranho, não é?

— Acho que ele é um pouco perturbado — falei, tristemente.

— Perturbado? Perturbado, é? Bem, palavra de honra, pensei que aquele seu amigo era um cavalheiro falsário. Eles são sempre pálidos e educados, os falsários. Não consigo deixar de ter pena deles... não consigo, senhor. O senhor conheceu Monroe Edwards? — acrescentou comovido, fazendo uma pausa.

Então, pousou a mão piedosamente em meu ombro e suspirou:

— Ele morreu de tuberculose, em Sing Sing

Então o senhor não era conhecido de Monroe?

— Não, nunca me relacionei socialmente com qualquer falsário. Mas não posso mais permanecer aqui. Cuide do meu amigo ali. Você não perderá por fazê-lo. Voltaremos a nos ver.

Alguns dias depois disso, voltei a obter autorização para entrar na prisão e andei pelos corredores em busca de Bartleby, mas não o

encontrei.

— Vi-o saindo de sua cela não faz muito tempo — disse-me um carcereiro. — Talvez ele tenha ido matar tempo no pátio.

Então fui naquela direção.

— O senhor está procurando pelo mudinho? — perguntou um outro carcereiro que passou por mim. — Ele está lá, dormindo naquele pátio. Não faz vinte minutos desde que o vi deitar-se.

O pátio estava completamente silencioso. Não era acessível aos prisioneiros comuns. Os muros ao redor, de espessura impressionante, isolavam todos os sons atrás deles. O estilo egípcio da alvenaria pesava sobre mim de modo lúgubre, mas um suave gramado encarcerado brotava sob os pés. Era como se o coração das eternas pirâmides, por alguma estranha magia, fizesse brotar, através das fendas, sementes de grama largadas ali por pássaros.

Estranhamente enroscado ao pé do muro, com as pernas encolhidas e deitado de lado, a cabeça tocando as pedras frias, avistei o enfraquecido Bartleby. Não havia qualquer movimento. Parei um pouco e então me aproximei. Inclinei-me e vi que seus olhos turvos estavam abertos. Apesar disso, ele parecia profundamente adormecido. Algo me levou a tocá-lo. Peguei a sua mão, e um arrepio subiu pelo meu braço e desceu pela minha espinha até os meus pés.

O rosto redondo do homem-da-bóia estava me olhando agora.

— A comida dele está pronta. Ele não vai comer hoje também? Ou ele vive sem comer?

— Vive sem comer — falei, fechando os olhos.

— Ei! Ele está dormindo, não é?

— Com reis e conselheiros — murmurei.

Parece desnecessário dar prosseguimento a essa história. A imaginação fornece prontamente a imagem miserável do enterro de Bartleby. Mas antes de me despedir do leitor, deixe-me dizer que, se esta pequena narrativa interessou-o suficientemente para despertar curiosidade sobre quem era Bartleby e que tipo de vida ele levava antes de o presente narrador conhecê-lo, posso apenas responder que partilho completamente dessa curiosidade, mas sou totalmente incapaz de satisfazê-la. Embora quanto a isso eu não saiba ao certo se devo divulgar um pequeno boato que chegou aos meus ouvidos alguns meses depois do falecimento do escriturário. Nunca pude verificar as fontes da história, portanto não posso dizer quão verdadeira ela é. Mas considerando que este relato vago não deixou de ter um estranho e sugestivo interesse para mim, embora triste, pode funcionar da mesma maneira com outras pessoas. Então vou mencioná-lo brevemente. O relato foi o seguinte: Bartleby havia sido um funcionário na Seção de Cartas Extraviadas em Washington, da qual fora afastado repentinamente por conta de uma mudança na administração.

Quando penso sobre esse boato, não posso expressar adequadamente as emoções que tomam conta de mim. Cartas extraviadas! Isso não se parece com homens extraviados? Pense num homem cuja natureza e má-sorte fizeram tender a uma pálida desesperança — pode qualquer trabalho parecer mais adequado para aumentar essa desesperança do que lidar continuamente com essas cartas extraviadas e classificá-las para as chamadas? Pois elas são incineradas anualmente em abundância. Algumas vezes, o pálido funcionário encontra um anel dentro do papel dobrado — o dedo a que se destinava, talvez, esteja apodrecendo debaixo da terra; uma

nota bancária enviada em rápida caridade — aquele a quem iria aliviar já não come nem passa fome; perdão para aqueles que morreram em desespero; boas novas para os que morreram sem assistência em calamidades. Com mensagens de vida, essas cartas corriam para a morte.

Ah, Bartleby! Ah, humanidade!





Eu preferiria não fazê-lo

Notas:

1. Gingernut significa, literalmente, noz de gengibre; turkey, peru, e nippers, alicate. N.do T.)

2. Petra: cidade da Antiguidade, entre o mar Vermelho e o mar Morto (atualmente na Jordânia), famosa por sua localização, em meio a falésias onde foram esculpidos numerosos túmulos e templos. N. do E.)

3. Mário: general e político romano (157 a.C. — 86 a.C.), que participou da terceira Guerra Púnica (149 a.C — 146 a.C), quando a cidade de Cartago, ao norte da África, foi totalmente arrasada pelos exércitos romanos. N. do E.)

4. Cutlets, em inglês, significa “costeletas”. (N. do T.)

relics based in Hot Fire. For this order his own name, he has swapped them for the much in demand

of Greg Cohen on bass and on vibas, drums and percussion a consistently intense drive

is album's short piece for Burgin and forays.

London, turbo-organ, piano, 11 by piano, celesta, glockenspiel, fermond organ music boxes and ly named mandolin. Burger

ise elements with a fine cor for ce, revealing an innate ability to with sound. The album's moods

ily, although the overall flavour is tem European. At times

romantic, Burger's pieces of ions are distinguished by his music drama

music is brooding and all of his stix, bearing the hallmarks of his But Cohen and Walkers are equal

is project. Chiefly Burger on to standing virtuosity. He can derive on the occasion, while elsewhere

the light brightness of touch, much in all hand-drawn player Dins r produced the album too, and the musical vision is evident in the

ays to sonic detail. Adding a o overlay, say piano or a music box e things considerably interesting. e the characteristics of his now mentation to great effect, precisely p organ's wheeze or a Casio's titty

and shade the music.

UGAR
S: CONDUCTIONS
BY STRAVINSKY'S LE
J BY PRINTEMPS
SNO CO
DENISON

ing title, founder, leader and s sprawling diverse Guthrie- le "Burt Sugar is a territory

bel brand, a community band a

many might understand it as an engaging, the music itself.

Formed in 1999 around the nucleus of Tare and Lawrence Burch Morris, this present Burt Sugar line-up features no fewer than 18

musicians, including four guitarists, three drummers, piano and cello. In addition, there's trumpeter Lewis Rip Barnes, from Wilkins

Parker O'Neil's Porch Group, and a musician from Egmont Di Muro's Ask. And Riccardo

lots special guests Maria Gilis and Pete Coe who between them boast an impressive CV

ranging from Agnieszka Pingay to Peter Dins to The Rutles Band, Delunco and Arts Lindsay. In their own estimation, Burt Sugar are a

"contemporary version of Miles Davis's *Blotches Brew Band*" with myriad music to a common thread taking *Only Hard*, *Art Kane*, *Sus Ra*, *Jim*

nesses.

It might be Burt Sugar's third album, but its openness makes it feel like they're just

close to delving on to a genre-melting manifesto. High spirits filter from the

glitches, unbridled pieces coil around guitar and piano, bleeding microscopically into a shifting mosaic of textures underpinned by a one-note double bass riff and larval drums. The

sublime "Conductions Inspired by Stravinsky's *Le Sacre Du Printemps*", refers to Burch Morris's system for directing orchestral improvisation. If the album falls short of the fury or bombastic

high of Stravinsky's *Rites of Spring*, it's not because Burt Sugar aren't their ravishing. There's

there's a a society a breath of fresh air. The evaporation of the music's textures are

of colour and textures are continually engaging, self-haunting and surprising. But the ensemble

have a tendency to resolve each of these passages into loose improv sections that

recurrently fall into the same languid pace despite the frog-like helms etched into them

by Pete Coe's guitar. This repeating pattern makes for an episodic, somewhat static album that's only really broken in the heavily Miles

inspired closing 17 minute workout, where the conductor's textures and layers finally find a

converging place amid the improv. Right now, the album is caught between two impulses: social

and interaction with a bit more

BY DAN WARDLON

These four discs document the entirety of Alan

Siva's 23 piece Celestial Communication Orchestra's two appearances on 24 and 27 May

2001 at the Uffers Festival in Pizol, Switzerland. *May Res.57* releases the

resolution passed by the US Congress in 1987 that designated jazz as a "most valuable

national American art form". On Alan Siva

more, *May Res.228* The text of that resolution forms the basis of one of the 14

extended tracks on *May Res.57* inscribes itself in the COO's discography of epic

recordings, from the *Kenaks*-like density of 1990's *Luna Surface* and the following year's

The Seasons (on BYG Actar) through 1971's neglected masterpiece *My Country Is the sweaty*

ground to *Desert Strage*.

In addition to his conduction of the orchestra via hand cues and hand gestures, Siva

gives the music's direction with a minimum of complex messages such as the acking

Messianic music of "force". That he can harness the collective force of so many strong-

willed individuals – half of these cats are band leaders in their own right – to create music

of such heroic force and structural coherence is a testament to his theoretical rigor and

charisma. And however dense things get, Siva

always manages to make himself heard, screaming out the shapes of rhythmic calls for

the group to play like a crazed Indian guru. But when he's controlling the action from his synthesizer, plugging in raw patches that

occasionally getting in the way of the other soloists, that quality is a rather mixed blessing. There are a few rough spots, but the overall effect of Siva's sweep of the music and his decision to release both

albums in the series.

However, some along the line ought to have taken the red pill. To Matthew Goodheart's

say, what soft indulgent yet, for Siva, it's

incredibly playful essay accompanying the set.

It would have been up space for a brief synopsis of who's playing what where. With no

fewer than seven saxophonists, three trumpeters,

Melville: a Arte Desvela a Natureza da História

HERMAN MELVILLE, BARTLEBY, O ESCRIVÃO. (Prólogo de JORGE LUIS BORGES), Editora Record, Rio de Janeiro, 99 páginas.

Ítalo A. Tronca - Departamento de História/Unicamp

Wall Street, meados do século passado. Um escritório de advocacia, seis personagens. Esses os elementos com os quais Melville cria uma surpreendente e trágica alegoria da História. Surpreendente porque Bartleby é, talvez, um dos trabalhos menos conhecidos no Brasil do autor de *Moby Dick*, e também porque a natureza elegíaca da obra de arte e da história pode parecer uma intuição exclusiva do nosso século.

Nessa curta novela, publicada em 1856 no volume intitulado *The Piazza Tales* (Nova York, Londres), cujo tema é aparentemente uma sensaborona narrativa do comportamento insólito de um escrevente, Melville exercita uma crítica radical de seu tempo, desvelando o paradigma da ordem burguesa.

O enredo é simples: o advogado-narrador, um néscio e anônimo personagem, ilumina logo de início a aura do tempo que o contém: “Sou um homem que, desde a juventude, sempre teve a convicção profunda de que o caminho mais fácil na vida é o melhor. Daí por que, apesar de pertencer a uma profissão tradicionalmente movimentada e nervosa, alcançando às vezes o grau de turbulência, jamais permiti que tais problemas interferissem com a minha paz. Sou um desses advogados sem ambição, que nunca se apresentam perante o júri nem procuram o aplauso público. Na serena tranquilidade de um refúgio ameno, cuido de amenas transações de homens ricos, em hipotecas, ações e títulos de renda. Todos os que me conhecem acham que sou um homem eminentemente seguro”

É justamente o advento de Bartleby — o misterioso escrivão que atende a um anúncio de emprego —, que virá conturbar a paz do refúgio ameno, microcosmo do caos recriado pela ordem burguesa se fazendo. À primeira vista, Melville conta a história de um homem que preferia não fazer nada, um homem que adotou o imobilismo como forma de viver, um louco.

É surpreendente como Jorge Luis Borges, no prólogo, também foi seduzido pelo registro da loucura: “O nihilismo cômico de Bartleby contagia seus companheiros (os colegas escreventes) e também o homem estólido que relata sua história e que abona suas tarefas imaginárias. É como se Melville houvesse escrito: ‘Basta que um único homem seja irracional para que os outros também o sejam e o mesmo aconteça com o universo’.”

O mais provável, contudo, é que Borges tenha feito uma leitura invertida do sentido de Bartleby. Para ele, o escrevente é o louco, o irracional que contamina os demais e revela o caos da História. Não parece que foi isso que Melville quis dizer; a loucura, a irracionalidade, não estão em Bartleby e sim na ordem exterior. Racionalidade e lucidez são atributos do mito, cujo destino neste mundo está previamente traçado. Bartleby morre de inanição, recostado junto ao muro da prisão para onde fora levado acusado de vagabundagem. . . Morre diante da perplexidade do cozinheiro, que lhe havia preparado refeições especiais a pedido de seu algeu-benfeitor — o advogado que lhe dera emprego.

E Bartleby, mais do que um personagem-símbolo, é um mito. Melville delineia-o com economia de meios, classicamente, ao descrever seus primeiros tempos no emprego: “Bartleby permanecia sentado à sua ermida, indiferente a tudo que não fosse o seu próprio trabalho. Alguns dias se passaram e o escrevente foi aproveitado em outro longo trabalho. Seu comportamento estranho — narra o patrão — me levou a observá-lo atentamente. Constatei que Bartleby jamais saía para almoçar; mais do que isso, jamais saía para qualquer lugar. Ao que eu soubesse, ele jamais se ausentara do escritório. Era como uma sentinela perpétua no canto.” ...

Estilo premonitório de um Franz Kafka, que nada tem a ver com o romantismo literário de sua época, a Vitor Hugo, ou com o sentimentalismo de um Charles Dickens, condoído diante dos horrores da Londres industrial. Seis anos antes, com *Moby Dick*, Melville já anunciava a que viera: o símbolo da Baleia Branca, perseguida pelo capitão Ahab através dos oceanos, mais do que uma luta entre o Bem e o Mal, sugere a inumanidade do cosmo, sua estupidez irracional ou enigmática.

E, ao contrário de Dickens, cujos enredos são frequentemente incoerentes, o romancista americano constrói *Bartleby* com uma precisão geométrica. Em dado momento, o advogado requisita Bartleby a fim de conferir com os outros escreventes as quatrocentas páginas de um documento por ele copiado em quatro vias. “*Preferia não fazê-lo*” — responde melodiosamente o escrivão. Passada a estupefação inicial, diz-lhe o patrão: “Está então decidido a não atender ao meu pedido. . . um pedido formulado de acordo com o costume e com o bom senso? Ele me deu a entender brevemente que, nesse ponto, meu julgamento era exato. Era isso mesmo: sua decisão era irreversível.”

Por que Melville dramatiza a recusa à conferência? O entrecruzamento das atitudes dos personagens (os colegas também se indignam com Bartleby) diante da exigência do advogado (um hábito, um costume, um imperativo do bom senso...) desvenda um espaço de liberdade, de humanização que só Bartleby pode preservar. Mas a resistência, a luta de Bartleby transfigurada no episódio da conferência revela seu verdadeiro sentido, o alcance que Melville lhe pretendeu dar, quando articulada ao processo de trabalho do escrevente — uma tarefa álgida, monótona, entorpecente. “Não posso imaginar, por exemplo, que o fogoso poeta Byron pudesse sentar-se satisfeito com Bartleby para conferir um documento legal em torno de quinhentas páginas, escritas em letra pequena” — reconhece o patrão.

Nesse registro, a novela é não apenas uma alegoria do caos imanente à História, que a ordem burguesa só faz acelerar, mas uma aguda premonição da natureza do processo de trabalho — processo que está na raiz dos projetos totalizantes que tendem a se consumir hoje. ..

Como entender, porém, a inusitada e sôfrega dedicação ao trabalho por parte de Bartleby, em seus primeiros tempos de emprego? Seria o inelutável caminho percorrido pelo personagem — o da superexploração — rumo à tomada de consciência libertadora?

Tudo indica que Melville, felizmente, não se socorria das muletas da dialética. Seu personagem central, como todo mito, traz em si mesmo um mistério e uma ambiguidade essenciais. Simplesmente aparece e ninguém sabe de seus antecedentes. Resiste ao mesmo tempo que se deixa destruir pela ordem cuja iniquidade sua presença denuncia.

Como diz Simone de Beauvoir, é difícil descrever um mito: não se deixa apanhar nem cercar, habita as consciências sem cair na imobilidade. É às vezes tão fluido, tão contraditório que não lhe percebemos, de saída, a unidade. Bartleby é, a um tempo, uma frágil criatura e uma força elegíaca; é o silêncio abissal da História, a negação de si próprio e a razão de ser do homem...



Herman Melville (1819-1891) nasceu e morreu em Nova York. Os relatos das suas experiências como tripulante pelos mares do Sul, em títulos como *Taipei*, *Omo* e *White-Jacket*, sobre o convívio com nativos das Ilhas Marquesas, renderam-lhe popularidade no início de carreira. Em 1851, publicou *Moby Dick*, seu sexto livro em apenas cinco anos. A partir daí, ainda que tenha escrito outros títulos, poesias, e novelas curtas, viveu anos de obscuridade, chegando a trabalhar como inspetor de alfândega, de 1866 a 1885.

Sua última novela, *Billy Budd*, só foi publicada postumamente. Já a história de *Bartleby, o escrivão*, publicada anonimamente em 1853, e como parte do volume *Os Contos da Piazza*, em 1856, não foi bem recebida pela crítica, ficando sem reedição até os anos 1920, quando os livros de Melville começaram a ser estudados, seus textos incluídos nas antologias escolares, e sua obra revisitada. É de 1921 a primeira monografia americana sobre sua obra: *H. Melville, marinheiro e místico*, de Raymond Weaver.

Melville sofria em pensar como seria lembrado na posteridade. Em carta ao amigo e escritor Nathaniel Hawthorne, em 1851,

confessa temer ser apenas lembrado como o homem que viveu entre os canibais - referindo-se às suas aventura nas Ilhas Marquesas. Num prólogo à tradução de *Bartleby, o escrivão*, Jorge Luis Borges lembra que nos vinte anos da morte de Melville, a Enciclopédia Britânica o considerava apenas um simples cronista da vida marítima.

* * * * *

Digitalização: Digital Source

Revisão e criação do ePub:

[RuriaK](#)



(Foram incluídas nesse ebook inúmeras imagens, um artigo crítico e a biografia do autor, que não constam na edição original)

Jerusalém, novembro de 2013.

Exclusivo para compartilhamento gratuito na rede.

Se gostou da leitura, compre o livro original.
